

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Fevereiro - 2023
Ano LXXIII - Nº 12
R\$ 12,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 12,00



'O Pavão Misterioso' faz 100 anos

Especialistas comentam a importância do cordel lançado pelo paraibano José Camelo de Melo Resende, uma obra de ficção científica que inspirou disco, peça de teatro e cinema, e cuja fama perdura até hoje



Livraria

A UNIÃO

Bem-vindo(a) à
casa da literatura paraibana

Espaço Cultural José Lins do Rego
João Pessoa - PB

Acesse online



EDITORA
A UNIÃO

@editorauniaio



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

@epcpb

O mistério do 'Pavão' centenário

Obra seminal da literatura de cordel, *O Romance do Pavão Misterioso*, do paraibano José Camelo de Melo Resende, completa, neste ano de 2023, cem anos. Ao menos é o que se convencionou entre os estudiosos, uma vez que não é possível determinar com exatidão o dia em que a história sobre o encontro de Evangelista e Creuza, envolvendo uma máquina similar a um pavão, começou a chegar às mãos de leitores e leitoras, supõe-se, a partir das feiras livres do interior da Paraíba para ganhar o mundo.

Esse é um dos aspectos que a jornalista Alexandra Tavares apurou para compor a longa reportagem, disposta nas próximas 17 páginas, um verdadeiro dossiê acerca de uma das obras mais reverenciadas da literatura popular, um texto visionário que, em 1923, já abordava o conceito de máquina guiada, previu o voo supersônico e é considerado o primeiro cordel de ficção

A repórter do Correio das Artes ouviu mais de uma dezena de pessoas, muitas delas especialistas, mas também um dramaturgo carioca e um cineasta paraibano

científica do Brasil.

A repórter do **Correio das Artes** ouviu mais de uma dezena de pessoas, muitas delas especialistas, mas também um dramaturgo carioca e um cineasta paraibano, que verteram a obra de José Camelo para outras plataformas, como o cinema e o teatro, mostrando como o cordel paraibano se expandiu em outros meios e mensagens, inclusive na música, a partir da composição do cearense Ednardo.

Como afirma a presidente da Associação de Arte e Cultura de Guarabira, Silvinha França, celebrar os 100 anos de *O Romance do Pavão Misterioso* é dizer que esta obra é patrimônio do povo, e de toda nação brasileira, não só da Paraíba, onde ele surgiu!

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



21

POESIA

O professor, escritor e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho volta ao Modernismo ao analisar a obra deixada pelo poeta paraibano Eudes Barros.



26

ARTIGO

Mário de Alencar não seria filho de José de Alencar, mas do austero Machado de Assis. Francisco Gil Messias discorre sobre essa teoria.



42

CINEMA

Genilda Azerêdo analisa o mais recente filme do cineasta Marcelo Gomes, 'Paloma', sobre mulher trans que sonha em se casar na igreja.



44

IMAGENS POÉTICAS

Em sua coluna, o professor João Batista de Brito troca o cinema pela poesia de Sérgio de Castro Pinto, vertendo três poemas dele para o inglês.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio C. Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA
Tonio
ILUSTRAÇÕES

capa

OS VOOS do cordel

SOB A ÉGIDE
DO PAVÃO CENTENÁRIO



Alexsandra Tavares

lekajp@hotmail.com

Era uma vez um pavão. Não era bicho, mas máquina; voava como aeroplano e tinha engrenagem fantástica. Com um apertar de botão, rapidamente se transformava. Guiado por Evangelista, ajudou a salvar Creusa, a donzela aprisionada. Esse é o resumo do enredo do folheto *O Romance do Pavão Misterioso*, ou *O Pavão Misterioso*, narrativa criada há 100 anos pelo paraibano José Camelo de Melo Resende. O texto, considerado uma obra-prima e um clássico do cordel brasileiro, foi um dos primeiros do gênero a explorar a ficção científica. Pobre, carpinteiro e boêmio, Camelo jamais imaginaria que sua genial cantoria iria inspirar gerações e atrairia a atenção de músicos, cineastas, quadrinistas, desenhistas, romancistas e viraria até selo postal premiado internacionalmente.

“Acredito que José Camelo tenha sido um dos precursores da ficção científica no cordel brasileiro. Ele está para a literatura de cordel assim como H.G. Wells está para a literatura de ficção norte-americana. Antes dele, outro paraibano, o Leandro Gomes de Barros, utilizou também a ficção científica em *Uma Viagem ao Céu*. Mas, indiscutivelmente, José Camelo é um dos grandes pioneiros”, afirmou o poeta cordelista Klévisson Viana, cartunista, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABCL), presidente da Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará (Aestrofe) e fundador da Editora Tupynanquim, especializada na literatura de cordel.

Lançado há 100 anos, *‘O Romance do Pavão Misterioso’*, do paraibano José Camelo de Melo Resende, é um marco na literatura de cordel e foi um dos primeiros do gênero a explorar a ficção científica

Para ele, um dos “encantos” do *Pavão Misterioso* é o enredo simples, mas que prende a atenção do leitor do começo ao fim. A obra segue uma fluidez “gostosa” na leitura, sendo agradável também quando é cantada ou declamada. “É considerado um clássico porque caiu no gosto popular e porque é uma obra basilar, uma das narrativas fundamentais da literatura de cordel. Se fôssemos escolher 10 grandes títulos, com certeza o *Pavão Misterioso* teria que estar incluso”, acrescentou Viana.

O poeta cordelista Varneci Nascimento, coordenador editorial da Luzeiro, editora que detém os direitos autorais de parte da obra de José Camelo (uma vez que o acervo completo é desconhecido), também chamou a atenção para a máquina fantástica imaginada pelo poeta paraibano naqueles idos de 1923, um meio de transporte que seria avançado até para os dias de hoje.

“A obra de Camelo é poderosa e pujante. *Pedrinho e Julinha* é outro clássico deste grande autor. No meu entender, a grande inovação do *Pavão Misterioso* é trazer na narrativa um aparelho que voa na vertical e na horizontal, que não fazia barulho, apertava no botão e ele se descaracterizava completamente. José Camelo, com esta inventividade, criava o protótipo do helicóptero, ainda inexistente. Por isto, este livro é digno de todas as honrarias e homenagens”, disse Varneci.

O autor do *Pavão Misterioso* ainda inseriu na história fictícia o personagem do inventor, uma espécie de “faz tudo” que tinha visões vanguardistas. Podemos citar, ainda, a inserção das aventuras em terras distantes e uma generosa pitada de romantismo, em que o herói se apaixona e salva a moçinha sofredora. Em meio a esse contexto, o colecionador paraibano da literatura de cordel, José Paulo Ribeiro, grande conhecedor da história de José Camelo, atribuiu o sucesso do folheto centenário a esse conjunto orquestrado de elementos usados nos romances universais. “José Camelo envolveu nisso tudo o ‘sonho de Ícaro’, ou seja, a vontade que o homem sempre teve de voar, e a luta do homem romântico em salvar a mulher amada”.

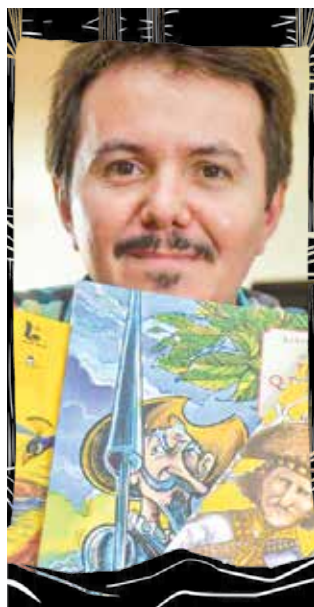


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Ficção científica: Klévisson Viana afirma que José Camelo está para a literatura de cordel assim como H.G.Wells está para a literatura de ficção norte-americana



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Varneci Nascimento, da Luzeiro, editora que detém os direitos autorais da obra de Camelo: “Poderosa e pujante”

Para entender, porém, as inovações estéticas da narrativa de José Camelo de Mello Resende, o poeta cordelista e professor Francisco Paiva das Neves, que tem estudo de pós-graduação na área do cordel, explicou que é preciso revisitar o cenário do Brejo paraibano na segunda década do século 20.

O professor contou que em 1917, os irmãos João Frederico e Arthur Lundgren, herdeiros de um rico capitalista sueco, naturalizado brasileiro, compraram terras de um engenho morto no município paraibano de Rio Tinto. Então, começaram a construir na região aquele que veio a se tornar o maior parque industrial têxtil do Nordeste.

Em 1924, jornais de Recife já noticiavam a inauguração do complexo fabril que contava com amplas estruturas, tais como galpões de produção, oficinas onde eram fabricadas peças de reposição das máquinas, usina-gem, estradas de rodagem e de ferro - e até portos, além de uma vila de operários com cerca de 2.500 casas, local onde também moravam os técnicos vindos da Alemanha.

“Cabe destacar também que, para manter a ordem interna e controlar os operários em suas vidas privadas,

os irmãos proprietários da fábrica de tecidos criaram uma polícia própria”, destacou Paiva Neves. Fazendo um paralelo dessa realidade que se formava em Rio Tinto com as ideias do folheto de José Camelo, o professor lembrou que o autor do *Pavão Misterioso* morava a 55 quilômetros dessa revolução industrial que se avizinha-va, uma vez que o paraibano nascera em Pilõezinhos, na época distrito de Guarabira.

Incluindo nessa análise o fato de os cordelistas viverem, naqueles anos de 1920, declamando seus versos por todos os cantos, se constituíam como verdadeiros andarilhos, conhecendo realidades que iam além da cidade onde residiam.

Assim, as mudanças trazidas pela modernidade em Rio Tinto, não estavam tão distantes do cotidiano de José Camelo, até porque o autor paraibano faleceu neste município, na década de 1960. “Acredito que esse contexto tenha influenciado o poeta na criação de seu romance. Para chegar a essa conclusão, levo em conta algumas questões, a saber: Evangelista, o personagem masculino do romance, tem um irmão, ambos sendo filhos e herdeiros de um rico turco capitalista,



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para o colecionador de literatura de cordel José Paulo Ribeiro, José Camelo fez sua obra maior com o pensamento no sonho de Ícaro



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Professor Francisco Paiva analisou a presença da mulher em 'O Pavão Misterioso': figura feminina sem idealismos



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para Aderaldo Luciano, o cordel sempre serviu de matriz para outras artes: 'O Auto da Compadecida' tem como base o cordel e seus personagens

dono de uma fábrica de tecidos, assim como João Frederico e Arthur Lundgren”, comentou.

Paiva Neves contou que o pavão que o personagem Evangelista usou no rapto da sua amada, a condessa Creusa, é construído por um cientista - o doutor Edmundo, que morava na Vila dos Operários, mesmo cenário construído na fábrica de tecidos Rio Tinto. “Para raptar a condessa Creusa, o herói não usou um cavalo encantado, como é tradicional na literatura popular, mas uma máquina voadora, construída em uma oficina, por um cientista ou técnico, o que era muito comum em uma região fabril. A fim de construir sua máquina voadora, ele vai exatamente na ‘rua dos operários’; outro fato marcante é que o local de moradia de Creusa não é um palácio ou castelo, mas um sobrado.”

Paiva Neves destacou, também, que o uso de elementos representativos de uma sociedade em transformação parece ser a inovação que o *Pavão Misterioso* trouxe ao cordel brasileiro. “Entendo que a peculiaridade do *Pavão* é a habilidade demonstrada pelo autor em criar, inserindo em uma obra com traços narrativos

universais, o contexto de um Brejo paraibano que passava por intenso desenvolvimento industrial. Ao escrever a narrativa do romance de Evangelista e Creusa e sua espetacular fuga em um pássaro misterioso, usando recursos narrativos estéticos dos contos das *Mil e uma noites*, o autor descrevia, na verdade, a saga de sua região”, afirmou Neves.

O poeta paraibano Aderaldo Luciano, escritor, dramaturgo e estudioso do cordel brasileiro, também concorda que há uma relação da história fictícia criada por José Camelo com a realidade que o cercava, com a ressalva de que o olhar do autor iam muito além das divisas da Paraíba. “José Camelo fundou a ficção científica na poesia narrativa brasileira. Num tempo em que as histórias de encantamento no cordel se multiplicavam, bem como os poemas de amor e bravura, assim também como os de astúcias e peleja, Camelo, observador do mundo, intérprete social, entendeu a revolução industrial e os avanços da era espacial. Previu a máquina guiada (o Pavão obedece aos comandos do condutor), o voo supersônico silencioso (o Pavão voa em silêncio iluminado), a decolagem

na vertical (o Pavão levanta do chão para cima e se projeta na horizontal), o piloto automático (o Pavão paira no ar, sem condutor), a máquina dobrável (espécie de “transformer”)”, destacou.

Aderaldo nos chamou a atenção para o fato de a narrativa de Camelo substituir os “gênios das lâmpadas ou os eventos mágicos e maravilhosos” pela presença de um engenheiro que constrói a máquina. Ele enfocou ainda que a paixão de Evangelista por Creusa nasceu à partir da fotografia, técnica que estava se firmando como arte nas primeiras décadas do século 20.

Todas essas informações demonstram como o autor estava atualizado com fatos da história e da cultura nacional e internacional. “O rapto da donzela é promovido por um turco avançando sobre uma fortaleza grega. Os turcos e gregos protagonizaram conflitos militares desde o final da Guerra em 1918 e foi justamente no dia de São João de 1923 que assinaram o Tratado de Lausane, um armistício. Camelo tinha conhecimento desses fatos. Dentro do *Romance do Pavão Misterioso* circulam todos esses elementos”, completou Luciano.

Celebrações do Centenário

As celebrações dos 100 anos de criação da obra de José Camelo de Melo Resende ultraparam as divisas da Paraíba. O *Romance do Pavão Misterioso* foi tema de discussão, em fevereiro, no Clube de Leitura na Casa Mário de Andrade, instituição que integra a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo. A informação foi de Varneci Nascimento, poeta cordelista e coordenador editorial da Luzeiro.

Segundo ele, o paraibano Aderaldo Luciano, poeta e estudioso do cordel brasileiro, que está radicado em São Paulo, foi o debatedor do tema. “Aderaldo Luciano foi o convidado para debater a grandiosidade do livro e falar em nome desta que é a principal editora de cordel do país”, declarou Varneci.

Para Aderaldo, natural do município paraibano de Areia, a participação no Clube de Leitura significou um retorno à terra da semente cordelista. “Em 1928, o mesmo Mário de Andrade esteve em Areia pesquisando as manifestações festivas e poéticas do povo. Entrar em sua casa pela porta da frente, reverenciando um dos elementos pesquisados por ele, é contemplar a memória do próprio Mário e a grandeza do Pavão”, afirmou Luciano.

Retomando o tema das comemorações e homenagens, Varneci Nascimento acrescentou que a Editora Luzeiro vem celebrando esse centenário desde o ano passado, quando

foi feita referência à obra paraibana durante a Feira Literária Internacional de Paraty (Flip), no Rio de Janeiro. “Aderaldo Luciano e eu participamos da Flip, e naquele evento já fizemos uma referência a este livro extraordinário, aniversariante de 100 anos de existência”, frisou.

De acordo ele, a editora não pretende lançar este ano uma edição especial do folheto, uma vez que a Luzeiro já tem “duas para lá de diferenciadas”: o cordel publicado no formato tradicional, e que é consagrado em todo o país, bem como a versão em quadrinhos, em formato de luxo. A publicação em quadrinhos foi feita em parceria com a Editora Tupynanquim. “Os dois impressos já são uma homenagem a este livro primoroso”, declarou Varneci.



FOTO: ACERVO DE JOSÉ PAULO RIBEIRO

Famoso folheto de cordel já foi reeditado no formato original e deu origem a uma versão em quadrinhos; lei de 2016 reconhece a obra como Patrimônio Imaterial do Estado da Paraíba

Curiosidade

Não existe uma prova documental que aponte a data exata da criação do *Romance do Pavão Misterioso*. Segundo o poeta cordelista e estudioso do cordel brasileiro, Francisco Paiva das Neves, o título original dessa obra é *A História de Evangelista e Creusa* ou *Pavão Misterioso*. “Apesar de não haver a comprovação documental que mostre a data exata de sua escrita, completa o seu primeiro

centenário”, frisou.

Segundo ele, há indícios da criação deste texto entre 1920 e 1924. Paiva Neves contou que um artigo do pesquisador Helonis Brandão chamado *Trajétórias de um Clássico: Autorias, Edições e Leituras do Pavão Misterioso*, cita que o escritor Manoel Cavalcante Proença, na obra *Ribeira do São Francisco*, edição de 1942, revela que encontrou cópias do folheto nas

mãos de ribeirinhos durante uma viagem que realizou para acompanhar o percurso do Rio São Francisco, entre os Estados da Bahia e Minas Gerais.

Essa viagem teria ocorrido em 1924 e o então folheto não apresentava autoria definida. “Compreendo, portanto, que o referido romance possa ter sido criado nos primeiros anos da década de 1920”, concluiu Paiva Neves.

Festa em dose dupla

No município de Guarabira, Brejo paraibano, o ano é de festa devido ao centenário do *Pavão Misterioso*. Já houve uma comemoração em janeiro e outra está prevista para iniciar em abril. A Associação de Arte e Cultura de Guarabira (AACG) organizou a Feira de Cordel e Artes de Guarabira (CordelArtes) no final de janeiro. A programação, totalmente gratuita, contou com shows, espetáculos teatrais, exposições, apresentações de repentistas, de declamadores, coquistas e um sarau com a participação da atriz Zezita Matos, bastante prestigiada no evento.

A presidente da AACG, poetisa e cordelista Silvinha França, explicou que a homenagem foi feita pela relevância da obra, conhecida em vários países do mundo. “É porque o cordel é nosso, a obra é nossa, e o cordel está mais vivo do que nunca. Celebrar o centenário é dizer que esta obra é patrimônio do povo, de toda nação brasileira, nordestina, paraibana e guarabirense”, enfocou.

Ela ressaltou que o evento também prestigiou outros artistas paraibanos, como o poeta cordelista guarabirense Manuel Camilo dos Santos (1905-1079), autor do folheto *Viagem a São Saruê*, além de outros contemporâneos que bebem dessa fonte.

E tudo indica que as celebrações vão ter continuidade a partir de abril com o *Ano Cultural do Pavão Misterioso*. Segundo o secretário de Cultura e Turismo do município, Tarcísio Pereira, as homenagens **vão iniciar no dia 20 de abril, data em que se comemora o nascimento de José Camelo de Melo Resende**. “Nesta data, a gente pretende lançar o projeto do *Ano Cultural do Pavão Misterioso* seguindo-se com outras atividades

comemorativas ao longo do ano”.

Durante a realização desta matéria, a programação estava sendo fechada, mas Tarcísio adiantou que uma das iniciativas desse cronograma envolverá o Festival Internacional de Arte Naif (Fian), realizado em maio, na cidade. Este ano, o Fian terá como tema o *Pavão Misterioso*. “Além de outras ações e eventos que vão ocorrer ao longo de 2023, inclusive muitas delas envolvendo jovens estudantes de toda a nossa rede de ensino”, disse o secretário.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL/SILVINHA FRANÇA



Cordelista Silvinha França (E) - aqui ao lado da atriz Zezita Matos - afirma que celebrar o centenário de 'O Pavão Misterioso' é afirmar que obra é um patrimônio do povo

Segundo ele, o folheto centenário de José Camelo é o mais vendido de todos os tempos, além de ter uma importância ímpar para a cidade. “Trata-se de uma criação que saiu daqui para o mundo, pois José Camelo é natural de Pilõezinhos, município que, na época, pertencia à Guarabira. Nós dividimos esse orgulho com o vizinho município de Pilõezinhos. Essa é uma história universal, que saiu das nossas raízes, uma criação de um poeta bastante imaginativo”.

Patrimônio Imaterial da Paraíba

O Diário Oficial do Estado da Paraíba publicou, no dia 30 de abril de 2016, a Lei Nº 10.690, que reconhece o cordel do *Pavão Misterioso*, “de autoria do poeta popular, cantador, carpinteiro e xilógrafo José Camelo de Melo Resende”, como sendo Patrimônio Imaterial do Estado da Paraíba.

A figura feminina sem idealismos

No *Romance do Pavão Misterioso a Figura Feminina* é descrita de uma forma real, sem idealismos. Tal conclusão foi apresentada pelo professor Francisco Paiva das Neves, autor de uma dissertação de mestrado em que analisa obras de dois poetas cordelistas paraibanos – José Camelo e Leandro Gomes de Barros.

No trabalho intitulado *Educação e sociedade no cordel: O Lugar Social da Mulher em Obras de Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Rezende*, o professor estudou a maneira como a mulher foi retratada na poética dos dois artistas e tentou entender como os autores tiveram sua arte influenciada pelo contexto social em que estavam inseridos, reverberando esses valores e modo de vida nos personagens femininos.

“Cada um (Camelo e Leandro), a seu modo, ao descrever seus personagens femininos, não retrataram as mulheres idealizadas, mas as mulheres reais dos contextos em que viviam. Todo artista, e também o poeta popular, representa em sua arte as contradições sociais que vivenciam. Ao construir o enredo do *Romance do Pavão Misterioso*, Camelo de Melo Rezende incluiu em sua narrativa as contradições da sociedade em que estava inserido”, declarou.

De acordo com ele, o estado da Paraíba, assim como toda a região Nordeste, manteve intacta, por longo período, as características de sociedade de economia agrária-patriarcal e, somente com o avançado processo de industrialização é que vai rompendo com modelos arcaicos de relações sociais. Essas mudanças econômicas é que possibilitaram as alterações comportamentais em relação à condição feminina.

Infelizmente, em alguns casos, mesmo havendo transformações na sociedade, a situação e papel da mulher pouco mudaram. Algumas continuavam subjugadas ao sistema patriarcal de seu tempo. “É o que acontece com a condessazinha Creusa. É libertada da opressão paterna, no entanto não se emancipa, já que na sociedade industrial capitalista



ILUSTRAÇÃO: JO OLIVEIRA/DIVULGAÇÃO

vai viver sob a tutela do marido”, concluiu o professor.

Pelo conjunto de elementos que reúne, pela criatividade ímpar do romance, o professor Paiva Neves afirmou que a obra do paraibano é inovadora. “O voo transoceânico de uma ave de asas luminosas desperta em quem ler as lembranças das maravilhas da história de Aladim, dos tapetes voadores, das princesas encarceradas e, principalmente, é alimentador de nossa saudade”, enfocou.

Ele acrescentando que “o Pavão, pelo vínculo que tem com as temáticas sociais, pela influência das histórias do fantástico, será ainda lido e encenado por muitas gerações”. “Diria que *O Romance do Pavão Misterioso* é a expressão do realismo fantástico da literatura popular”.

Paiva Neves afirma que o voo transoceânico de uma ave de asas luminosas desperta em quem ler as lembranças das maravilhas da história de Aladim

“

José Camelo fundou a ficção científica na poesia narrativa brasileira. (...) Observador do mundo, entendeu a revolução industrial e os avanços da era espacial

Aderaldo Luciano

Guardião do cordel na Paraíba

A cidade de Guarabira, distante cerca de 100 quilômetros da capital João Pessoa, é uma espécie de celeiro e divulgadora da poesia de cordel. Foi de lá que surgiram pioneiros como Manuel Camilo dos Santos e até hoje o lugar mantém vivo o hábito da venda e declamação de folhetos em lugares públicos. Uma das figuras tradicionais do município é Severino Gabriel de Oliveira, conhecido como Biu Folheteiro ou Biu do Cordel. Dos 80 anos de vida, 65 anos foram dedicados à venda dos folhetos e, apesar de não ser cordelista, ele declama os versos de autores paraibanos e de outros estados. Seu Severino é um dos poucos paraibanos que pode testemunhar a presença de José Camelo nas terras garabirenses.

Ele contou que o folheto do *Pavão Misterioso* era um dos mais procurados na feira, e quando questionado sobre o autor dessa obra, ele revelou: “O autor é José Camelo de Melo Resende. Eu encontrei com ele umas duas vezes na feira, o contato foi muito pouco. Cheguei a falar com ele sobre a poesia, dei os parabéns sobre o *Pavão Misterioso*. Era uma pessoa bacana”.

Foi com a venda dos folhetos de cordel que Seu Severino manteve o sustento da família e também preservou uma espécie de dedicação especial à atividade. Esse contato com as obras cordelistas começou na década de 1950, quando ele acompanhava o irmão na venda dos cordéis. “Em 1957, meu irmão começou a vender os folhetos na feira e eu ia com ele. Lá, eu achava bonito os poetas cantando aqueles versos encantados como o do *Pavão Misterioso*, o *Cachorro dos Mortos*, *Juvenal e o Dragão*, *Josafá e Marieta* e muitos outros. Tinha uma história que eu gostava muito, escrita por Severino Borges, o *Romance do Herói João de Calais*. Eu ficava encantado e gosto até hoje”.

Segundo a poetisa e presidente da Associação de Arte e Cultura de



FOTO: ACERVO ALEXANDRE HENRIQUES

Tipografia Pontes, uma das responsáveis por colocar a cidade de Guarabira no mapa da literatura popular, de onde os cordéis eram enviados para Recife e Fortaleza

Guarabira (AACG), Silvinha França, Severino é um grande divulgador do cordel, não só da Paraíba, mas de vários estados do país. “Da forma como ele trabalha, eu diria que Seu Severino é o maior divulgador vivo da literatura popular no Nordeste, especificamente de cordel. Há mais de 60 anos ele vende e declama cordéis nas ruas de Guarabira. Não conheço uma pessoa que passou tanto tempo dedicada à essa atividade”, declarou Silvinha.

A figura de Biu Folheteiro está representada numa fotografia ampliada no Memorial do Cordel, um espaço em Guarabira dedicado apenas a essa arte. O Memorial foi idealizado pelo professor e pesquisador da historiografia guarabirense, Vicente Barbosa da Silva. De acordo com ele, o espaço foi projetado para preservar a história dos folhetos que, nas primeiras década do século 20, foram fonte de renda para muitas famílias brasileiras, alavancando o nome do Nordeste como grande produtor dessa cultura popular. O cordel ainda incentivou várias pessoas a “aprenderem a ler por meio

de suas rimas e versos contagiantes”.

Entre 1920 e 1960, a cidade de Guarabira se destacava por ser um próspero centro produtor de folhetos de cordel, cuja autoria vinha de várias partes do Nordeste. “Nesse tempo, possuía um invejável parque gráfico, especializado na impressão de ‘livrinhos do povo’”, contou Vicente.

Entre os empreendimentos responsáveis por essa produção, Vicente Barbosa citou as Tipografias Lima, Nossa Senhora da Luz, Moderna, A Voz do Brejo, Nordeste, Joaquim, São Paulo e a Tipografia Pontes. Na cidade, ainda existia a Folheteria Santos.

A movimentação desse parque gráfico era contínuo, funcionando dia e noite. Os milhares de folhetos embarcavam no trem para serem comercializados de Recife a Fortaleza.

Dos filhos da cidade que foram



Biu Folheteiro, 80 de vida, dos quais 65 dedicados à venda de folhetos de cordel: maior divulgador vivo da literatura popular no Nordeste

pioneiros nessa arte, ele citou o poeta cordelista Manoel Camilo dos Santos (1905-1987) autor da célebre obra *Viagem a São Saruê* (1949), que serviu de inspiração a Vladimir Carvalho na criação do premiado documentário *País de São Saruê*; Apolônio Alves dos Santos (1920-1988); Chico Pedrosa (1936) e João Vicente (1926-2017). Esse último foi elogiado por Câmara Cascudo pelo conjunto de sua obra.

Com relação aos artistas da nova geração, Vicente Barbosa destacou Chico Mulungu, Márcio Bizerril, Gilberto Baraúna, Artur Silva, João Pedro, mestre Klebio, Silvinha França e Paulo Gracino.

Segundo ele, o cordel brasileiro deveria ser mais valorizado, “à altura da sua importante tradição, pois se consolida como um patrimônio do tempo”. “Não podemos deixar de enfatizar o pioneirismo dos que lutaram

no passado na busca por informações sobre essa rica cultura popular.”

Cordel das Rosa

As manifestações sobre o cordel estão em vários movimentos culturais de Guarabira. Um deles é o *Cordel das Rosas*, movimento que reúne mulheres cordelistas de vários cantos do Brasil. A intenção do grupo é fortalecer e disseminar a arte do cordel entre o público feminino, em um ambiente cooperativo. O Cordel das Rosas foi criado em 2020 por Silvinha

França, poetisa, ativista cultural e presidente da Associação de Arte e Cultura de Guarabira (AACG).

Para dar início ao projeto, ela reuniu algumas mulheres em um grupo de Whats App. Periodicamente, elas começaram a discutir temas de interesse geral como as campanhas preventivas mensais de saúde, a exemplo do *Outubro Rosa*, que alerta para o câncer de mama, e o *Novembro Azul*, que estimula os homens a cuidarem da saúde e evitarem o câncer de próstata.

“Somos quase 50 mulheres de vários estados e, no início, participávamos semanalmente de uma live às 12h chamada *Pingo do meio-dia, almoço com poesia*. Era um papo, sempre com duas mulheres, com duas rosas do movimento cordeliano”.

A finalidade do bate-papo era dar visibilidade à mulher e à poética feminina no cordel. Depois do período crítico da pandemia, as participantes retomaram a rotina normal e ficou mais difícil para o grupo se reunir. “Mas, a gente sempre está dialogando”, comentou Silvinha.

Segundo ela, a existência do Cordel das Rosas é importante para estimular a arte do cordel entre as poetisas que sofreram muito preconceito no passado e ainda enfrentam algumas restrições.

Ela enfocou que a primeira mulher cordelista, Maria das Neves Pimentel (1913-1994), tinha que escrever seus folhetos com o pseudônimo do marido dela, Altino Alagoano, porque ele era de Alagoas. A estratégia era necessária por causa do preconceito que, apesar de ser menor hoje em dia, ainda existe. “Não só no mundo cordeliano ainda sofremos preconceito, ainda há resistência com relação à visibilidade do nosso trabalho”, declarou.

A presença feminina é significativa no cordel brasileiro, e para exemplificar essa atuação Silvinha citou nomes de cordelistas como Aurineide Alencar (paraibana que mora Mato Grosso do Sul); Rosa Régis (paraibana que mora no Rio Grande do Norte), Tonha Mota (paraibana radiada no Rio Grande do Norte); Cláudia Borges (natural do Rio Grande do Norte), entre outras.

A arte que reluz menos?

A poesia de cordel, com toda sua riqueza de métrica, rimas e sonoridade, muitas vezes é relegada a uma arte de segundo escalão, tida por muitas vozes como uma relíquia brasileira com ares de nordestinidade que precisa ser mais valorizada no Brasil. Há poetas cordelistas que evitam até associá-la à arte popular, porque quando se faz essa referência país a fora, o brilho desse ouro parece reluzir menos. Se é arte popular, o cachê é menor, ou sobe ao palco numa apresentação secundária.

Apesar dessa triste constatação, não vamos evitar usar aqui o termo dessa expressão que vem do povo, - “popular” -, porque tudo que emana da vivência humana, que é criação genuína do talento de uma gente ou pessoa, precisa ser tida como tal e respeitada sem qualquer restrição. Vamos, então, abrir espaço para aqueles que têm a ciência desta discriminação e reverbera sua indignação exaltando os valorosos vieses do cordel. Vieses que têm a Paraíba como protagonista dessa história.

“O cordel brasileiro nasce das astúcias de um sertanejo de Paulista, quando pertencia ao município de Pombal, Leandro Gomes de Barros. Desde o século 19 que a Paraíba oferece grandes vates do cordel ao Brasil. Os pioneiros do cordel são todos paraibanos, os fundadores que, embora estivessem reunidos no Recife, são oriundos das terras paraibanas: Leandro Gomes de Barros (Pombal), João Martins de Atayde (Ingá), Silvino Pirauá de Lima (Teixeira) e Francisco das Chagas Batistas (Teixeira). Do início do século 20 até agora, essa arte fecundou os melhores e as melhores do país. Quando se fizer uma lista dos mais significativos, a Paraíba será citada altaneira”, afirmou o poeta paraibano Aderaldo Luciano, escritor, dramaturgo e estudioso do cordel brasileiro.

Segundo ele, o cordel sempre serviu de matriz para outras artes. “O *Auto da Compadecida* tem como base o cordel e seus personagens. O Cinema Novo bebeu na estética cordelística. O Romance Social de 30, no Nordes-

te, serviu-se dos temas cordelísticos. O Ciclo do Documentário Paraibano, vide *O País de São Saruê*, também sentou à mesa com o cordel”, salientou.

O poeta cordelista Varneci Nascimento, coordenador editorial da Luzeiro, reconheceu que hoje em dia essa atividade tem encontrado mais espaço nos eventos culturais do que nas décadas passadas, porém, ele reforça que ainda existe “uma certa falta de prestígio e até injustiça com José Camelo e tantos outros autores consagrados”.

De acordo com Varneci, muitos literatos não possuem penetração no meio do povo, local onde há inúmeros autores do cordel. “As obras feitas por Leandro Gomes de Barros, José Pacheco, Manoel D’Almeida Filho, só para citar alguns exemplos, alcançaram lugar cativo no coração dos leitores e leitoras, no entanto, não aparecem na lista dos livros mais vendidos do Brasil”, pontuou.

Para ele, o “cordel é potência lite-

ILUSTRAÇÃO: REPRODUÇÃO



Cartaz do filme de Vladimir Carvalho inspirado no cordel 'Viagem a São Saruê', lançado em 1949, de autoria de Manoel Camilo dos Santos, um dos pioneiros do gênero

rária e poética”, mas ainda busca o seu lugar e a dignidade no cenário cultural, sendo posto à margem nos eventos literários. “Difícilmente se ver os cordelistas e as cordelistas participando dos grandes debates literários. Isto incomoda a todos nós, porque somos iguais aos demais trabalhadores da palavra. Este autor não fica devendo nada a Machado de Assis, só que ambos escreviam coisas diferentes, mas estavam sentados na mesma mesa: da literatura brasileira”, salientou Varneci.

O poeta cordelista e fundador da Editora Tupynanquim, Klévisson

Viana, ressaltou que o cordel brasileiro tem uma grande importância para a cultura do país, se configurando como uma das maiores contribuições do Brasil para as letras universais, uma vez que várias universidades do mundo estudam o cordel brasileiro como as Universidades de Poitiers, de Sorbonne, e a Paul-Valéry, na França; a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos e a de Osaka, no Japão. “Literatura popular é possível que você encontre em outras partes do mundo, mas com a riqueza, em quantidade e qualidade, como tem no Brasil, e em especial na região Nordeste, você não vai encontrar em parte nenhuma do mundo”, enfocou Klévisson.

Viana acrescentou que a geração dele tem dado uma relevante contribuição para a divulgação e valorização do cordel brasileiro no país. “Primeiro porque essa minha geração está apta a falar sobre a literatura de cordel com propriedade. São, além de escritores, pesquisadores dedicados. Outra coisa. É uma geração que ministra oficinas e repassa conhecimento. Ao contrário da geração anterior que escrevia bem, mas não tinha esse conhecimento profundo de discorrer sobre essa literatura, de falar sobre ela com profundidade”.

E como se situa *O Pavão Misterioso* nesse contexto? “Primeiro nós precisamos definir *O Romance do Pavão Misterioso* como fenômeno da literatura brasileira. Depois apontaremos sua origem em terras paraibanas, escrito e publicado na região de Guarabira. Matéria literária que compara-se, em excelência e importância, ao *EU*, de Augusto dos Anjos, no que diz respeito à poesia; ao *Menino de Engenho*, no que diz respeito à prosa; à *Vau da Sarapalha*, no que diz respeito ao teatro; à *Avohai*, no que diz respeito à MPB; à *Aruanda*, no que diz respeito ao cinema; ao *Grito do Ipiranga*, no que diz respeito às artes plásticas”, afirmou o poeta paraibano, Aderaldo Luciano.

Ao explicar a comparação do *Pavão* com o *EU*, de Augusto dos Anjos, ele comentou que a relação foi para ilustrar a ruptura, pois ninguém escreveu como Augusto. “Quem tentou, naufragou no plágio. Ninguém escreveu como no *Pavão*. É matéria única. Obra-prima. Por isso mesmo fecundou centenas de outros poetas e poetisas a se alistarem nas linhas do cordel, cada um e cada uma com seu próprio caminhar”, concluiu Aderaldo.



Jocelino Tomaz,
do Grupo Atitude:
declamações
levavam
informações para
as comunidades
onde os meios de
comunicação não
chegavam

Ferramenta na educação de crianças e adolescentes

O lirismo trazido nos textos de cordel é um incentivo à leitura. No município paraibano de Caiçara, distante cerca de 90 quilômetros de João Pessoa, dezenas de professores e estudantes fazem parte do Grupo Atitude, projeto de cunho cultural e educacional voltado para os moradores do local. O pesquisador, ativista cultural e coordenador do Grupo Atitude, Jocelino Tomaz, destacou que a ideia é despertar o prazer de ler.

Além de gibis, best-sellers, mangás e revistas, o cerne das bibliotecas criadas pelo grupo ainda tem “cordelteca”, ou seja, exemplares de folhetos de cordel. “O cordel, em especial, além das qualidades do gênero em si, também agrega outra proposta do grupo, que é a valorização e resgate da nossa cultura”, afirmou Jocelino.

O projeto, por meio de algumas parcerias, foi responsável pela criação da Casa de Leitura, Lanchoteca Atitude, Biblioteca Novos Horizontes, eventos literários, programa de rádio e projetos de incentivo à leitura junto às escolas da cidade. Jocelino Tomaz explicou que, além de oferecer “cordeltecas” nas bibliotecas e pontos de leituras do Grupo Atitude, a iniciativa estimula os

professores a usarem os folhetos nas salas de aula. A receptividade dos estudantes é positiva.

“Já colhemos bons resultados com esses projetos literários, que resultaram na realização de saraus pelos alunos, confecção de poemas por eles mesmos e outras ações. É notável a admiração quando os alunos têm contato com os autores e com uma boa declamação. Vimos um interesse especial por parte dos estudantes que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA)”.

Um dos diferenciais do cordel atual para os declamados em décadas passadas é a diversidade das abordagens. Nos tempos de outrora, os temas mais comuns eram romances, histórias de bravura, religiosas, de cangaço, engraçadas, de peleja e até das novidades do dia a dia. Segundo Tomaz, muitas vezes as declamações levavam informações para as comunidades onde os meios de comunicação não chegavam.

Mas, hoje em dia, as temáticas abrangem áreas que vão desde meio-ambiente, saúde e atualidade até biografias. “Em tempos em que as pessoas, principalmente os jovens, se veem mergulhados em excesso de tecnologia, é necessário atraí-las para a leitura”, frisou Jocelino.

ILUSTRAÇÃO: ACERVO DE JOSÉ PAULO RIBEIRO



Desenhos de Jô Oliveira inspirados n' 'O Romance do Pavão Misterioso' estampam selo e cartão postal

Influência para diversas artes

O *Romance do Pavão Misterioso* foi inspiração para diversas artes. Influenciou a criação de música, filme, peça teatral, ganhou versão em quadrinhos, foi parar em novela, teve uma releitura em livro escrito em prosa e foi estampado em selo postal com uma tiragem de 2,1 milhões de unidades, além de 250 mil cópias em formato de bloco filatélico voltado a colecionadores. O desenho ganhou prêmio de repercussão internacional e teve como autor o desenhista e quadrinista pernambucano Josimar Fernandes de Oliveira, mais conhecido como Jô Oliveira, que atualmente mora em Brasília.

Essa história começou quando, em 1986, Jô foi convidado pela Empresa de Correios e Telégrafos para fazer a ilustração do selo comemorativa da Lubrapex 86 – 11ª Exposição Filatélica Luso-brasileira, uma mostra internacional de filatelia em que participavam colecionadores de Portugal, do Brasil e de países de língua portuguesa. Os dois países se alternavam como anfitriã da exposição, que em um ano era sediada no Brasil, e no outro em Portugal. Também era costume lançar um selo para celebrar cada edição da Lubrapex.

Em 1986 o evento ocorreu em

terras brasileiras e o tema do selo comemorativo foi o cordel. Então, chegou-se ao consenso de que dois cordéis seriam ilustrados: a do *Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Resende, em referência ao Brasil; e a *História da Imperatriz Porcina*, de João Martins de Athayde, representando Portugal.

O bloco postal, em tamanho maior do que o selo comum, trazia o cenário de *O Romance do Pavão* e na outra parte a do cordel da *Imperatriz Porcina*. “Esse bloco, cujo o título era ‘Literatura de Cordel’, ganhou o troféu de melhor selo

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



O pernambucano Jô Oliveira (foto) é autor do desenho que estampa selo premiado, dentro e fora do Brasil, e de um livro infantil em prosa inspirado no cordel de José Camelo

brasileiro daquele ano, e em seguida o troféu de melhor selo do mundo no Festival Internacional de Filatelia da cidade de Asiago, na Itália”, contou Jô Oliveira.

Outra obra feita por Jô e que tem referência com o folheto centenário de José Camelo é o livro infantil *O*

Pavão Misterioso, ou seja, uma adaptação que transformou o cordel numa narrativa em prosa. Com essa publicação, ele recebeu o Troféu Tucuxi, dado pela Rede Manchete de TV (extinta) e pelo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

“Mais tarde, fui agraciado com um viagem de um mês aos Estados Unidos, graças a esse meu livro infantil do *Pavão Misterioso*. Agora, no ano do aniversário de 100 anos desse magnífico cordel, só tenho que agradecer pela existência dessa obra paraibana que muito me recompensou pelo simples fato de eu ser seu fã fervoroso”, declarou Oliveira.

MÚSICA

O folheto centenário também foi representado na música *Pavão Misterioso*, popularizada na voz do cantor Ney Matogrosso. Quando o cearense Ednardo criou os primeiros versos da canção dizendo *Pavão misterioso/Pássaro formoso/Tudo é mistério/Nesse teu voar...*, certamente não se referia a um animal de carne, ossos e pernas. A intimidade com o folheto de José Camelo é inegável, pois na letra, o compositor fala de “faísca”, “conde raivoso” e “donzela”. O álbum lançado em 1974, intitulado *O Romance do Pavão Misterioso*, demonstra mais uma vez a relação íntima com o fantástico mundo criado pelo poeta cordelista paraibano.

A canção de Ednardo foi trilha sonora da novela *Saramandaia*, exibida pela Rede Globo em 1976. Baseada no realismo fantástico, a obra de Dias Gomes trazia alguns seres exóticos como o Coronel Zico Rosado, que colocava formigas pelo nariz; Dona Redonda, que explodiu de tanto comer, e o professor Aristóbulo Camargo, que se transformava em lobisomem. A canção ‘Pavão Misterioso’ embalava a trajetória do personagem corcunda João Gibão, cuja deformidade nas costas escondia, obviamente, enormes asas.

Cinema

FOTO: NATALI TOLEDO/DIVULGAÇÃO



Em 2014, o cineasta Silvio Toledo lançou o longa-metragem ‘O Resgate do Pavão Misterioso’, que tinha uma “nave” de sete metros feita com sucata

O cinema também bebeu da fonte do cordel centenário. Em 2014, o cineasta paraibana Silvio Toledo fez uma releitura da obra de José Camelo de Melo Resende e lançou o longa *O Resgate do Pavão Misterioso*. A trama, divulgada em todo o Brasil, conta a história fictícia de um rapaz que se apaixona por uma moça cujo pai explora a imagem dela para ganhar dinheiro. Assim como na narrativa de cordel, o jovem romântico salva a amada usando uma máquina extraordinária em formato de pavão.

A obra foi produzida na Paraíba e para transformar o folheto de cordel em roteiro de filme foi preciso o auxílio do historiador Wanderley de Brito que, durante a produção do longa, realizou uma pesquisa de campo em Pilõezinhos, terra de José Camelo.

O cineasta Silvio Toledo afirmou que o longa-metragem também lançou atores de João Pessoa e de Campina Grande. “Hoje, alguns desses atores que tiveram seu primeiro trabalho no filme estão despontando em projetos para a HBO, Amazon e Netflix. Foi um trabalho com orçamento bastante curto, mas rodou no festival de Cinema Nosso, no Rio de Janeiro, patrocinado pela Caixa Econômica, sendo o filme mais aplaudido do evento. As pessoas se levantaram para aplaudir a obra de pé, e isso não foi comum nos demais filmes”, contou o diretor da obra, Silvio Toledo.

Uma das curiosidades que Silvio contou sobre esse trabalho foi com relação à feitura do pavão, que era uma espécie de nave. “O tamanho da nave era de sete metros e a gente construiu, ela toda, com sucata”. Entre as cenas do longo, o diretor fez questão de fazer menção a José Camelo e Melquíades. “No filme tem o personagem Zé Camelo, então colocamos o escritor dentro da história, e também o personagem Melquíades. A gente criou uma cena que perguntava de onde Melquíades encontrou o texto para pu-

blicar o cordel.”

Segundo Silvio, o fato de ter se baseado no *Pavão Misterioso* foi porque ele estava buscando “uma história que tivesse apelo popular e ao mesmo tempo fosse uma história forte, que tivesse uma raiz”. “Então encontramos o cordel de *O Pavão Misterioso*, que era contado e reconhecido e tinha um desafio para realizar. Era uma história popular, criada aqui na região e tinha esse apelo de centenário. A gente fez uma adaptação, não foi a trama fiel, porque o cordel se passava na Turquia e nosso orçamento não dava para fazer um filme de época. Então, trouxemos para nossa realidade.”

Toledo acrescentou que o filme lotou as sessões no Mag Shopping, em João Pessoa, quando estava ocorrendo o Fest Aruanda (Festival do Audiovisual Brasileiro), e foi o maior público do evento. “Tiveram que chamar até os Bombeiros para interditar o shopping, porque era gente demais querendo assistir”.



Dos folhetos para os palcos

Os versos de *O Pavão* declamados por José Camelo ecoaram também nos palcos. Durante sete anos, o dramaturgo e diretor de teatro Theotônio de Paiva viajou por vários estados brasileiros com a peça *O Romance do Pavão Misterioso*. Para Theotônio, essa é uma obra-prima do artista paraibano. “Podemos afirmar, com alguma segurança, que a experiência com essa pequena obra-prima do romanceiro popular foi um projeto de sucesso. Ficamos por sete anos em cartaz com o espetáculo, num período que se estende de 2004 a 2010, sempre com uma excelente acolhida do público”, frisou.

Ao justificar o interesse por essa narrativa, ele explicou que o texto de Camelo traz uma carga simbólica

perceptível no anseio pela liberdade, assim como no enfrentamento ao autoritarismo, representado na figura do pai da heroína, o conde “mais soberbo do que Nero”. “Além disso, vale notar o respeito pela dignidade humana em toda a sua potência criativa presente no texto. Todos esses são elementos muito fortes que talvez ajudem a explicar o sucesso do trabalho.”

Mas, até se chegar à fonte de inspiração paraibana, seguiu-se uma longa trajetória de pesquisa, iniciada em 2003, quando o dramaturgo organizou uma pequena trupe para fazerem uma leitura dramatizada no Sesc Rio. “A peça era *A Aurora da Minha Vida*, do Naum Alves de Souza. Foi um trabalho de muita dedicação, que durou algumas semanas, até a efetiva apresentação da leitura encenada da peça. Com aquela experiência resolvemos iniciar uma pesquisa de dramaturgia voltada a pensar, a sentir o país, em suas múltiplas possibilidades culturais. Estudamos muito, mas nada nos tocava a ponto de dar a partida a um trabalho de montagem”.

Theotônio contou que naquela época estava muito influenciado pelo teatro de Ariano Suassuna, pelo



FOTO: MARCO ROCHA/DIVULGAÇÃO

Dramaturgo Theotônio de Paiva viajou o Brasil com a adaptação do cordel para os palcos (no alto): anseio de liberdade e enfrentamento ao autoritarismo



fato de ter passado alguns anos estudando a obra deste paraibano para um trabalho de mestrado. “Ariano é um mundo fabuloso! A dignidade com que ele brinda o teatro, o homem sertanejo, a cultura do Nordeste, é uma experiência excepcional”.

Sob a influência do legado ariano, o dramaturgo se aproximou mais das danças dramáticas, dos folguedos, e dos romanceiros. Em meio ao dilema da escolha da obra que seria a base para o próximo trabalho, apresentou aos integrantes da trupe - ou pelo menos o que restava do grupo, pois alguns tinha desistido da espera -, dois textos. Um deles era *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo Resende, que acabou sendo escolhido.

“E por que essa escolha? Eu percebia claramente a força que o texto possuía na dramaticidade. Mas essa força não se restringia ao componente dramático tradicional. Ao contrário, ela se desdobrava numa composição essencialmente teatral, com o elemento narrativo, presente no cordel. Aliar esses dois estilos e entendê-los como expressão da própria linguagem teatral foi o que nos inspirou na construção do espetáculo”, contou.

Segundo Theotônio, a ideia motriz da peça se equilibrava em um espetáculo para crianças e jovens, mas que o público adulto também embarcava. Um componente central do cordel paraibano que o entusiasmava era o fato de a

história se passar entre a Grécia e a Turquia, recheada de elementos do medievo, da cultura mourisca. “E isso nos dava uma segurança para tratarmos do tema com dignidade e sem afetação. Em sua grande maioria, os artistas envolvidos eram do Rio. As únicas exceções eram o autor da trilha, Caio Cezar Sitonio, e a coreógrafa Carla Martins, ambos do Recife. E precisávamos estabelecer, com todo o cuidado, um diálogo com essa outra cultura, de um modo maduro e respeitoso, sem apelar para artificialismos de sotaque ou coisas do gênero. Esse foi um grande achado, pois, em nossas apresentações, à época, por cidades do Nordeste, essa escolha foi motivo de elogios e profundo reconhecimento”.

Foram várias temporadas no Rio de Janeiro, em teatros como Nelson Rodrigues, Maria Clara Machado e Glauce Rocha, com passagem por São Paulo, na Mostra de Teatro Infantil do Sesi São Paulo. Ainda houve a parceria com o Sistema Positivo de Ensino, que tinha um projeto de circulação de espetáculos nas escolas conveniadas com essa instituição.

O objetivo, conforme o dramaturgo, era proporcionar a circulação de espetáculos voltados para crianças e adolescentes, por todo o país, e desde cedo, havia essa sinalização do Sistema Positivo em incluir a montagem do Pavão nesse projeto. “Foi um momento único. Dentro desse projeto, após a sua estreia, ficaria

O fato de a história do cordel paraibano se passar entre a Grécia e a Turquia, recheada de elementos do medievo, da cultura mourisca, entusiasmou o diretor; espetáculo ficou sete anos em cartaz

“

Estivemos, e ainda estamos, diante de uma obra popular que traz fixada em sua própria estrutura afetiva, imagens literárias e teatrais, tão belas quanto intensas e que se perdem no tempo

Theotônio de Paiva

sacramentada a participação do *Pavão Misterioso* nessa iniciativa de âmbito cultural, artístico e educacional”, declarou.

O contato mais profundo com a obra de José Camelo obrigou Theotônio a refletir sobre as referências míticas arcaicas, visíveis no desejo dos humanos em voar. Ele reforçou que “não podemos ignorar, ao ler o texto, a analogia que nos chega do mito de Dédalo, que cria as asas para que seu filho, Ícaro, possa realizar seu sonho, salvando-se através da arte e do trabalho”. “De um modo ou de outro, estivemos, e ainda estamos, diante de uma obra popular que traz fixada em sua própria estrutura afetiva, imagens literárias e teatrais, tão belas quanto intensas e que se perdem no tempo”.

Uma obra com duas assinaturas

Quando se comenta a trajetória do *Romance do Pavão Misterioso* há de se fazer referência aos nomes de dois cordelistas paraibanos associados à obra. A de José Camelo de Melo Resende (1885-1964) e a de João Melquíades Ferreira (1869-1933). O primeiro, considerado por estudiosos do cordel como o criador da obra, declamava os versos em local público. O segundo, teria tido conhecimento da história e a imprimiu, divulgando a narrativa com a assinatura dele. Por isso, é comum se encontrar esse folheto assinado ora por um, ora por outro, e até sem autoria definida.

O colecionador paraibano da literatura de cordel, José Paulo Ribeiro, morador da cidade de Guarabira e grande pesquisador da história de José Camelo, contou que nas primeiras décadas do século 20 não se falava em direitos autorais, ainda mais quando se tratava de declamadores de cordel. “Muitas vezes, o que importava era que ‘meu compadre’ recitasse meus versos (obra)”, completou.

Durante as cantorias dos folhetos, muitas delas coletivas, um poeta cordelista poderia declamar a narrativa da própria autoria e também criações de outros poetas. Também era comum declamações e cantorias em duplas. Segundo José Paulo, um dos parceiros de José Camelo era Romano, o qual decorou a narrativa do *Pavão Misterioso*, cujo texto Camelo declamava de cór.

“Dizem que Romano decorou mais ou menos o folheto do *Pavão Misterioso* e contou para João Melquíades, que era um repentista mediano e que tinha condições financeiras, já que era corneteiro-mor do Exército Brasileiro. Então, Melquíades mandou fazer uma tiragem do folheto e colocou o nome dele. Naquele tempo, não era considerada apropriação indevida ou má vontade, não havia essa coisa de direitos autorais. Agora, bem depois disso, na década de 50, José Camelo reescreveu um folheto de 40 páginas cuja introdução dizia que os versos do Pavão era dele”, explicou José Paulo.

O pesquisador salientou que atualmente se conhece mais a versão impressa por João Melquíades, que morreu em 1933. Como já decorreram os 70 anos da morte dele, o texto se tornou de domínio público. “Para se publicar uma versão de José Camelo, que morreu em 64, você tem que ter a licença da Editora Luzeiro, que detém os direitos autorais do Pavão Misterioso e outras obras de José Camelo”, acrescentou.

Já Klévisson Viana, poeta cordelista e fundador da Editora Tupynanquim, ao ser questionado sobre o assunto, disse que o folheto escrito por José Camelo tem 48 páginas, e a versão de João Melquíades, que foi reescrita, tem 32.

“Acredito que essa versão que a gente tem do *Pavão Misterioso* hoje em dia é a reescrita por João Melquíades Ferreira, porque nessa versão tem erros de métrica e de rima que José Camelo jamais cometeria, porque ele era um poeta primoroso, o que João Melquíades não era. Porém, o enredo completo é de José Camelo. Significa dizer que, o que conhecemos hoje é um plágio da história original”.

Outros estudiosos do cordel também afirmam que o texto original, ou seja, o de José Camelo, é mais primoroso e tem mais páginas. Um desses pesquisadores é o professor e poeta cordelista Francisco Paiva Neves. Segundo ele, a versão que se popularizou tem “muitos erros de rima e métrica”, o que não era admissível na obra de Camelo. “José Camelo foi um poeta beirando a perfeição e erudito. Basta ler *Uma questão no céu*, de 1921, onde ele usa termos como ‘lerdes’, do verbo ler, e cita Castro Alves. Um poeta dessa estatura não iria constantemente “quebrar o pé do verso” ou não iria escrever “aluminio”, ao invés de alumínio, com o único intuito de rimar com menino. Tenho a convicção que a história é de autoria de José Camelo de Melo Rezende, mas a versão que conhecemos é uma síntese adulterada da obra original.”

Vida e obra de José Camelo de Melo Resende

José Camelo de Melo Resende nasceu em 20 de abril de 1885 em Pilôezinhos, na época um povoado pertencente à região de Guarabira. O poeta cordelista atuou como carpinteiro e xilógrafo, mas se destacou na criação e declamação de cordel. Era filho do agricultor João Camelo de Melo Resende e da professora Maria Alves da Conceição.

Foi alfabetizado pela mãe e costumava ler os grandes escritores da literatura brasileira, como a obra do poeta Castro Alves. Tinha grandes sonhos de ascensão profissional, mas as condições precárias da família não o conduziram a cargos importantes.

Casou-se no civil com Lídia Correia de Azevedo em 1917, em Guarabira. O casamento religioso ocorreu antes, em 1909. O casal teve seis filhos: Alzira, José, Lindalva, Maria de Lourdes, Sebastião e Rosa.

José Camelo começou a escrever folhetos no início dos anos 1920, usando um bom português, com precisão da métrica e da rima que o distinguiu da maioria dos poetas populares da época.

No fim dos anos de 1920, ele teve problemas com a polícia e chegou a ser preso acusado de envolvimento com cédulas falsas. Esse caso foi descrito em um folheto de autoria do próprio Camelo – *A Prisão e Soltura de José Camelo*, em que ele conta que recebeu as notas falsas de um homem bem-apessoado que lhe comprou 400 cordéis para revender.

Mais tarde, esse mesmo homem teria lhe dado umas cédulas graúdas (falsas) na bandeja em que Camelo arrecadava seus trocados durante a cantoria. Depois, ainda pegou outras notas menores (verdadeiras), como troco. Somente quando José Camelo começou a fazer negócio com o apurado, no comércio da cidade, foi denunciado à polícia como falsificador.

O episódio não lhe tirou o crédito de ser o autor de um dos mais importantes cordéis do país. Além do famoso folheto *O Romance do Pavão Misterioso*, é criador de outros inúmeros cordéis. Em outubro de 1964, José Camelo faleceu em Rio Tinto, aos 79 anos. A influência da bebida alcoólica teve impacto na carreira e na sua saúde. Confira alguns destaques do acervo deste paraibano:

- *Entre o amor e a espada;*
- *As grandes aventuras de Armando e Rosa* conhecidos por *Coco Verde e Melancia*
- *História de Joãozinho e Mariquinha*
- *O monstro do Rio Negro*
- *Pedrinho e Julinha*
- *História do Bom Pai e Mau Filho* ou *Juvenal e Lilia*
- *Uma das Maiores Proezas Que Antônio Silvino Fez no Sertão de Pernambuco*
- *História de Três Cavalos Encantados e Três Irmão Camponeses*

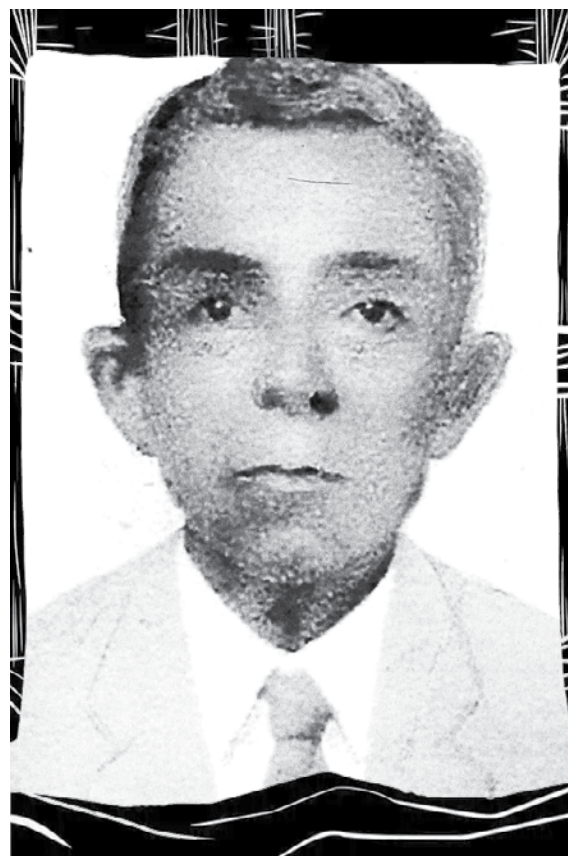


FOTO: REPRODUÇÃO

José Camelo nasceu em 1885 em Pilôezinhos, quando este ainda era um povoado pertencente ao município de Guarabira e chegou a ser preso nos anos 1920

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal **A União** e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



Eudes Barros: *o espírito americano*

Avoga modernista deflagrada, aqui, pelos esforços de Joaquim Inojosa, através de sua famosa carta, de certa maneira repercute na prática textual de alguns poetas, como é o caso típico de Eudes Barros.

Descontada sua experiência juvenil, pautada pela imitação dos paradigmas parnasianos, sobretudo por meio da influência de Carlos Dias Fernandes, Eudes Barros, ao lado de Perylo Doliveira e Sinésio Guimarães Sobrinho, procura substituir, na composição poemática, a forma tradicional do verso metrificado pela nova forma do verso livre.

Estreando aos 14 anos de idade, com *Fontes e paus* (1920), obra de um lirismo inteiramente epigônico e sem qualquer implicação de ordem estética, busca, aos poucos, aderir às solicitações renovadoras do Modernismo. Vale salientar, contudo, que, à semelhança de Perylo Doliveira, a insurreição face aos padrões estéticos do passado, em Eudes Barros, não se materializa de maneira radical.

Suas inovações, principalmente no plano da estrutura poética e da linguagem, são moderadas, na medida em que ainda transige com elementos do passado, a exemplo das rimas consoantes, vezes substituídas pelas toantes, e mesmo alguns resquícios da métrica bilacquiiana, a despeito de explorar, na maior parte de suas composições, o ritmo livre, de andamento musical.

Jovem ainda, publica, em 1928, o livro *Cânticos da terra jovem*, numa demonstração de flagrante compromisso com a vertente telúrica e nacionalista então cultivada por alguns setores do Modernismo, sobretudo em sua primeira fase. Subdividida em duas partes (“Ritmo verde da América” e “Cânticos da

terra adusta”), a coletânea se põe a serviço do ideário pan-americano de fundo whitmaniano, propagado, explicitamente, em terras brasileiras, por Ronald de Carvalho, através do seu *Toda a América*, publicado em 1926.

A propósito, tal associação com o autor de *Leaves of grass* (*Folhas de relva*), nos leva a esta observação de Wilson Martins, às páginas 228 2 229, de *O Modernismo* (São Paulo: Cultrix, 1969

{...}Ronald de Carvalho encontrou em Walt Whitman, é sabido, o grande mestre da poesia telúrica, e, por isso ele também quis cantar a América. Mas a verdade é que, quando Whitman cantava a América, cantava o seu próprio país, ou seja, fazia alguma coisa de semelhante aos “brasileiristas” do Modernismo; Ronald de Carvalho, de seu lado, quando “cantava a América”, evadia-se das fronteiras geográficas e espirituais de sua pátria para a criação de uma poesia continental com que o americano nem de longe sonhava e que lhe seria perfeitamente estranha.

Ora, as palavras do crítico podem aplicar-se perfeitamente ao poeta paraibano, sobretudo se verificarmos o poema “Espírito da América”, o segundo e o mais longo poema do livro. O mesmo campo semântico da continentalidade, peculiar à dicção de Ronald de Carvalho, surge em Eudes Barros, através de uma frase também retórica e eloquente, a marcar bem o tom de exaltação temática, em versos como estes:

Estamos ainda às tuas águas próximas – América! ▶

▶ Sabemos-te ainda da existência imensa – como há cinco séculos pelos sargaços e aves marinhas do último dia da aventura de

[Colombo.
Não tomamos ainda posse do teu gênio livre em nome
[de TiMesma!
Somos olhos que se abrem num deslumbramento eterno
diante de Ti – do teu Mistério! o teu mistério
[verde...

Homem do Novo Mundo!
título virgem, druídico, profundo,
que (por associação de ideias) nos traz logo aos olhos
[e ao espírito – o Amazonas
que do Peru nos manda, como uma vitória-régia, em suas
[águas, a alma de Chocano...

Santos Chocano! lendas cheias de sons imensos...
[Os sons da América!

Homem do Novo Mundo!
título altivo como o de Condor dos Andes!
Condor dos Andes... Castro Alves! Grito de epopeia do
[Continente!

Homem do Novo Mundo!
título virgem druídico profundo
milênario como o esplendor submerso dos Astecas;
tentacular como New York... New York! – Broadway!
[Luz! Luz! Luz! Luz!
Deslumbramento! Petróleo! Ferro! Radium! New York!
tentacular múltiplo livre como um poema de Walt Whitmann!

E neste diapasão, segue todo o texto. À semelhança com o poema “Toda a América”, de Ronald de Carvalho, é patente, numa comprovação do epigonismo diluidor perpetrado pelo poeta paraibano. Vejam-se, a propósito, estes versos do autor de *Epigramas Irônicos e Sentimentais*:

*América dos cafezais, dos seringais e dos canaviais,
América das locomotivas e das carretas de bois, dos elevadores
e dos guindastes, das porteiras de peroba e das comportas
[de aço cromado de Pittsburgh*

.....Onde
estão os teus poetas, América?

*Onde estão eles que não compreendem os teus meios-dias
[voluptuosos.*

*as ruas redes pesadas de corpos eurítmicos, que se balançam
[nas sombras tímidas.*

No entanto, no poema, “Espírito da América”, se Eudes Barros alarga a significação telúrica do texto, transpondo as “fronteiras geográficas e espirituais” do Brasil, manifesta, contudo, a ideia de que o verdadeiro espírito americano se encontra aqui, ensaiando certa crítica ao imperialismo dos Estados Unidos. Logo após constatar, num intercurso metalinguístico, que “nem a Dor era livre”

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Poeta Eudes Barros estreou aos 14 anos com obra de lirismo epigônico, mas aos poucos foi aderindo às solicitações renovadoras do Modernismo

e que cantar “era cantar... cantar nas vogais de uma rima”, em alexandrinos, ou decassílabos (“gradis de ferro das janelas da Alma”), enuncia:

Espírito da América!

*Não és o ferreiro, o electricista suando, suando, fulgurantes
[de faíscas e de
chamas nesse mundo de oficinas – que é New-York sol a sol;
não és o arquiteto delirante que, embriagado de milhões,
[ergue anacrônicas
babéis na sua bíblica ilusão de arranhar céus;
não és Tio Sam – o polvo mercantil do Mundo –
[MONEY-People – senhor de todos
os segredos e das forças do Universo, com a Física de Edson,
[com a mecânica de Ford...
Não és, de certo, aquele povo – que é mais ferro que espírito,
[que é mais
máquina que beleza – que no dólar cunhou Deus.*

Para o poeta, o verdadeiro espírito da América enraíza-se, para além dos mártires e heróis latino-americanos (Bolivar e San Martin) e para além da herança da cultural francesa, no norte do Brasil, aflorando, neste passo, todo o enaltecido telurismo de sua lírica. Vejamos os versos finais do poema:

*Espírito da América!
tu és o norte do Brasil – estás aqui; na seiva das germinações,
no cheiro agreste e no esplendor do ar tropical!
tu és a raça obscura e grande, que, sem lei nem alfabeto –
[arma bandidos;
que sem pão, sem água, ao sol, é a mãe que morre
com o filhinho no seio exausto! que sem nunca ler tratados
[de Poética, sem saber ler
e escrever – é essa família medieval dos Cantadores*

▶ = *menestréis sem Reys nem paços, que versejam, num minuto, uma beleza que um poeta da cidade passaria o dia inteiro a imaginar como exprimir!*

.....
Espírito da América!
ainda estás por surgir! irradiarás daqui!
deste Brasil que canta e que ama e luta e sofre e chora!
herói e lavrador – que rega a sangue e a suor o solo!
Espírito da América!
tu és esta seiva germinal e generosa,
tu és a Raça obscura e grande!
TU ÉS ESTE SOL!

É de se notarem ainda, logo no início do texto, as referências poéticas explícitas nos nomes de Santos Chocano e Castro Alves, dos quais se extraem as epígrafes do livro, como também ao nome de Walt Whitman, modelo básico, a que poderia se associar toda uma linhagem condoreira a partir de Victor Hugo, Verhaeren, Guerra Junqueiro e outros.

A experiência modernista, portanto, em termos poéticos, no autor de *O fenômeno de Carlos Dias Fernandes*, vai se encaminhar na direção, em certo sentido tradicional, do viés telúrico; do continental para o nacional e regional; do regional da terra verde para o rural da terra adusta.

Neste aspecto, Eudes Barros não está isolado. Como se sabe, o movimento modernista detonou toda uma vertente da brasilidade em suas variadas entonações, inspirando materialmente uma espécie de poética da terra e do seu *ethos*, a exemplo do que podemos vislumbrar em certas páginas de autores, como o já citado Ronald de Carvalho (RJ), Raul Bopp (RS), Cassiano Ricardo (SP), Ascensão Ferreira (PE), Jorge de Lima (AL), Jorge Fernandes (RN), Perylo Doliveira (PB) e Jáder de Carvalho, Franklin Nascimento, Sidney Neto e Mozart Firmeza (CE).

Cultuando euforicamente um nativismo que já vinha de longa data, com uma espécie de rebeldia mais formal que íntima contra a poesia tradicional, Eudes Barros elabora, sobretudo na primeira parte de sua coletânea, a parte do “verdismo” estético, toda uma poética de glorificação à terra jovem, bem exemplificada em poemas como: “Saudade heroica”, “Lendo O guarani”, “Pátria amorosa”, “Energia ambiente”, “A criação da Raça” e “Pau-Brasil”.

No segundo momento da obra (“Cânticos da terra adusta”), a motivação temática é mais variada, indo desde a tópica do flagelo da seca (“Epopéia da grande terra dolorosa”), até os motivos de cariz mais urbano e mais moderno (“O primeiro Ford” e “Sonho de ferro”), passando pelos pequenos quadros miméticos de costumes e festejos (“Natal praieiro”, “Lavadeiras” e “Sanjoanesco”).

Em geral de verso longo, verboso, rebarbativo e eloquente, Eudes Barros, nesta seção, apresenta, aqui e ali, textos mais curtos, fundados num descritivismo mais de acordo com o poder de síntese poética defendido pelos setores mais experimentais do Modernismo. Um poema, como “Orgia crepuscular”, apesar do convencionalismo das imagens, estrutura-se com certa economia de meios, no seu flagrante da paisagem:

O pó de ouro do Poente
cobre a paisagem verde.
O que era verde
é ouro em pó – ouro do poente...
A luz que vem do ocaso é uma champanha esplêndida
que as árvores bebem pela taça de cada folha.

No mesmo compasso, podem ser lidos textos, como: “Canto do mar luminoso”, “A grande amiga verde”, “Sertão interior”, “Religião”, “Carro de boi, que vais gemendo...” e “Eterna paisagem”. Destes, gostaríamos de destacar “Carro de boi, que vais gemendo...”, especialmente por seu mérito intrínseco:

Carro de boi, que vais gemendo
sob o peso da lenha...
Gemes acaso pelos bois mudos
que sobre os seixos da estrada longa vão te arrastando?
carro de boi... como tu vais gemendo
sob o peso da lenha...

(A carga que eu levo sem um gemido
pesa mais que toda a lenha que vais levando...)

Evidente que Eudes Barros não tem o vigor poético de um Perylo Doliveira, sobretudo o Perylo Doliveira de *Caminho cheio de sol*. No entanto, mais que a qualidade intrínseca dos seus versos, importa relevar, sobretudo, as embrionárias inquietações que manifesta face ao código literário, ainda dominante, isto é, o parnasosimbolista.

Os poemas de *Cânticos da terra jovem*, vazados, em sua ampla maioria, numa retórica de clarim, oratorial e altissonante, constituem, no mínimo, qualquer coisa de diferente em meio ao convencionalismo das atitudes poéticas então professadas na Paraíba, na década de vinte.

Neste sentido, a fragilidade do valor estético, que lhe é peculiar, deve ser normalmente substituída pelo peso e significado do valor histórico. Eudes Barros, assim como Perylo Doliveira, é, sem dúvida, um dos pioneiros da tomada de consciência, atenuada, é verdade, em prol da renovação poética em termos locais.

A partir do seu exemplo e de todos os debates e discussões em que se envolveu, outros poetas paraibanos, aos poucos, foram se modernizando, na medida em que começaram por pautar suas respectivas produções poéticas com base nas novas matrizes estéticas, cristalizadas a partir do movimento modernista. ❖

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem, e Valeu a pena*.

Poemas de Marí(n)timo

Gramática poética
(para Aléssio Toni)

Chove.
A vela branca se mistura
ao cinza e uma névoa fina
tudo envolve,
enquanto a vida acontece,
úmida e mansamente,
aqui nesse advérbio
de lugar.

Aléssio Toni
é o nome que me vem
à bailarina memória.
de passagem,
como essa vela errante
que, de repente,
segue e se esconde
numa esquina do olhar.

Na gramática de Aléssio,
cabiam todos os sonhos,
todas as palavras
guardadas para sempre
no coração da menina.
E se sonhava escritora,
no pretérito imperfeito
de suas retinas.

“Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?”,
inquire-me o poeta
Carlos Drummond de Andrade,
do outro lado da história.

Há quantos anos, num jogral
poético em minha memória,
esses versos ressoam
por uma brecha do tempo
de uma aula de Aléssio?

“Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.”,
reverberam em mim
os versos infinitivos
do poema “Amar”.



E há tanta sede
para tão pouco mar,
acopla-se ao corpo do poema
essa oração aditiva
que me vem agora

(Leve brisa azul
empurrando a vela branca,
desde o lago Paranoá
até a praia de Tambaú).

Lá, no ponto extremo-oriental
do Nordeste, bebi da fonte
de sua gramática solar,
professor Aléssio Toni.
Oitenta anos e é como
se ontem ainda fosse!

Da varanda de casa,
um bando de velas coloridas
festejam o instante
em que se conclui
essa singela homenagem.
Receba-a como uma prece
forjada nesse buquê de rimas
e de palavras doces.

Canto V (de Apocalipse Nau)

Insônia. Quatro horas.
O relógio parou.
Será a noite eterna
no planeta Terra?
De repente, a luz
do Sol se apagou.
Um frio nos ossos
paralisa as pernas,
levanto-me de um salto
e abro a janela.
Lá fora, não clareou.
E se eu dormir de novo
e quando acordar,
o pesadelo passou?
Apago a luz,
fecho a janela,
deito-me outra vez
sob o lençol
e puxo o cobertor.
Foi só um sonho
engolindo a aurora.
Logo, é chegada a hora
e o milagre acontece.
Poesia é quando o dia amanhece.



ILUSTRAÇÕES: BELLA SANTIAGO/DIVULGAÇÃO

Subterrâneos

As águas
dos meus olhos,
arredias, vertem
e evadem-se
em nuvens
de estanho.

Quase não caem
ou umedecem,
chuvas esparsas,
vêm e vão, entre
ventos breves.

Veios, veredas,
pingos d'água,
só na alma,
elas crescem
em rebanho.

As águas
subterrâneas
dos meus olhos,
oceanos.

Animais Noturnos

Acordei com o barulho.
Móveis arrastados pela sala
rasgando o assoalho do escuro.
Vulto no espelho da memória
engolido pelas sombras do medo.
Acordei nesse lugar remoto,
como um deserto dentro do peito.
A solidão e suas garras
abrindo fendas, escaras.
A dor sangrando suas lavas,
encharcando os olhos do soturno.
Poemas são espinhos perfurando
a carne das palavras. Animais noturnos.



Amneres tem mais 12 livros publicados, entre poemas e crônicas. O mais recente deles 'Marí(n)timo - Poesia de Bordo', de onde saíram os poemas desta página. É paraibana de João Pessoa, mas desde 1979 está radicada em Brasília (DF), cidade que transformou sua visão de mundo, incorporando-se definitivamente a sua poética. É graduada em Letras e em Jornalismo pela UnB, e Mestre em Turismo. Participou de diversos movimentos literários de Brasília, entre eles o OiPoema e o VivaArte.

O improvável filho de Machado de Assis

Francisco Gil Messias
Especial para o Correio das Artes

Machado de Assis não teve filhos. É o que se sabe. Mas de vez em quando aparece alguém dizendo que Mário de Alencar, filho de José de Alencar, era na verdade filho da Monalisa do Cosme Velho, como o chamou Carlos Heitor Cony. Sim, surpreso leitor, isso mesmo: filho do austero Machado, cujo declarado amor pertenceu, com exclusividade, segundo a história, a Carolina, companheira da vida toda.

Recentemente, assistindo, pelo Youtube, a uma antiga palestra do referido Cony na Academia Brasileira de Letras, vi e ouvi o autor de *Quase Memória* levantar, mais uma vez, essa hipótese, como se nela acreditasse. Aliás, ele chegou a confessar que, na disputa em que se elegeu para a ABL, perdeu um voto porque tinha escrito exatamente algo relacionado a essa discutível paternidade machadiana.

O acadêmico que lhe negou apoio, devoto fiel de Machado, simplesmente não o perdoou pelo que considerou uma heresia contra o nome maior das nossas letras. O escritor mineiro Luiz Vilela até publicou em 2016 (Record, São Paulo) uma novela exatamente com esse título: *O Filho de Machado de Assis*. Por aí se vê como a questão é fértil.

Aqui e acolá, outros repetem a história, com mais ou menos argumentos, e assim, tal como ocorre com os boatos, a coisa vai seguindo no tempo, como uma dúvida nunca esclarecida. Igual ao enigma de Capitu: afinal, ela deu ou não deu pra Escobar? Disso tudo faz-se, sabemos, não a literatura, mas a

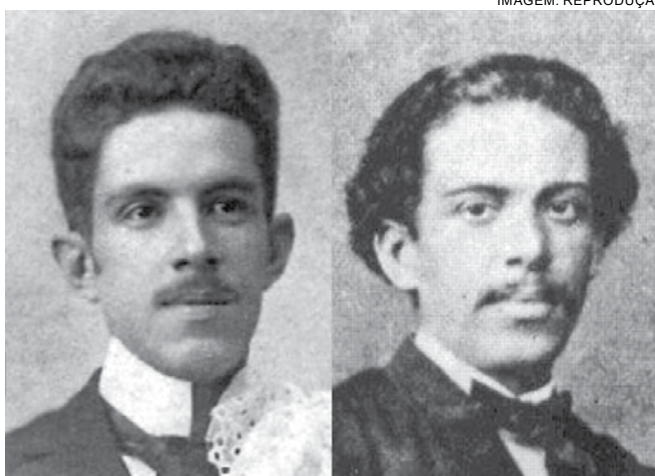


IMAGEM: REPRODUÇÃO

Há quem defenda que Mário Alencar (E) não seria filho de José de Alencar, como registram os documentos, mas do austero Machado de Assis (D):

história literária. E para muitos, infelizmente, esta última interessa mais que aquela. Mas analisemos os fatos e, se possível, as versões, estas não raro mais relevantes que aqueles, como tão bem sabia o sábio Joaquim Maria.

Há algumas ocorrências que devem ser imparcialmente consideradas. Primeiro, a amizade entre Machado de Assis e José de Alencar, origem do vínculo que posteriormente uniu Mário, o filho do segundo, ao primeiro, que, como se sabe, não teve filhos com a esposa Carolina. É provável que Machado e Alencar tenham se frequentado, mesmo que esporadicamente, tendo em vista o temperamento reservado e discreto do autor de *Dom Casmurro*.

Se houve essa frequentação, é muito viável que a amizade dos maridos se estendesse às respectivas esposas, pois é o que normalmente ocorre com os casais. Não há no-

tícia, entretanto, de que Machado tenha se tornado íntimo da mulher de Alencar – nem de qualquer outra, após seu casamento. Sustentar, portanto, a possibilidade de um romance entre Machado e a esposa do amigo, e ainda a existência de um filho de ambos, é, reconheça-se, algo nada fácil. Mas sigamos.

Machado de Assis e Mário de Alencar eram ambos epiléticos. O primeiro, notoriamente, já que teve algumas de suas crises em plena rua, à vista de todos; o segundo, de forma mais discreta, mas nem por isso improvável, pelo que se lê em passagens de seu livro *Alguns Escritos* (H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1910). Para mim, não restaram dúvidas sobre o mal que atingiu tanto o mestre como o discípulo.

Mas essa coincidência, só ela, constitui prova de uma paternidade? Onde estão, no alegado filho, os outros sinais físicos, como a

▶ mulatice e as feições do suposto pai, caracteres raciais fortíssimos? Nada se fala sobre isso, motivo bastante, a meu ver, para desacreditar a relação hereditária entre ambos. Salvo engano, não há óbvias semelhanças físicas entre os dois.

Sabe-se que Machado e Mário gostavam-se e tratavam-se como pai e filho. Havia realmente um afeto recíproco, nascido provavelmente de três fatores: a amizade que uniu Assis e José de Alencar, a orfandade de Mário e o fato de Machado não ter tido filhos de seu casamento com Carolina, sendo, portanto, compreensível, diante da afeição demonstrada por Mário, que retribuísse, chegando afetivamente a querê-lo como a um descendente, carne de sua carne.

Isso é muito comum, acontece todo dia, sabemos bem. As pessoas são carentes e consolam-se como podem – e quando podem. Esse recíproco bem-querer não prova, absolutamente, que Machado seja o pai de Mário.

Sobre essa especial amizade, invoco a palavra de Lúcia Miguel Pereira, respeitada biógrafa de Machado de Assis (Editora da Universidade de São Paulo e Editora Itatiaia Limitada, 1988): “A não serem talvez os amigos da mocidade, Henrique César Muzzio, Sizenando Nabuco, Quintino Bocaiúva e, mais tarde, sua mulher, Carlos Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, ninguém pode gabar-se de ter conhecido Machado”.

Também há um fato comprovado: Machado quis efetivamente fazer Mário ingressar na ABL, apesar de este não possuir uma obra literária que justificasse esse ingresso, assim como trabalhou abertamente por essa candidatura, contrariando suas célebres reserva e discrição.

Alguém consegue imaginar o austero Machado cabalando, sem nenhum pudor, votos acadêmicos para um candidato reconhecidamente fraco? E ainda por cima na condição de presidente da Casa? É difícil. No entanto, ele fez tudo isso, de peito aberto, como só um pai faria por um filho querido. Mas, repito, isso torna, de verdade, Mário descendente de Machado? Não necessariamente, claro.

Mário de Alencar naturalmente entrou para a ABL. Com um padrinho daquele, seria impossível não entrar. E, após a viuvez de Machado, tornou-se seu companheiro constante, a despeito da diferença de idade. E, na doença, cuidou dele até o fim, com

amor essencialmente filial, ao lado de outros amigos fiéis, como Euclides da Cunha. Depois, continuou honrando a memória do amigo, benfeitor e quase pai. Quase, mas não efetivamente pai, é preciso que se diga, penso eu.

Sobre essa amical convivência dos últimos anos de Joaquim Maria, ouçamos o próprio Mário, em página do livro citado, com a grafia atualizada: “Quebraram-lhe o sofrimento da viuvez os hábitos de reserva do espírito, e a solidão criou-lhe a necessidade de alguém que o ouvisse com afeto e lhe entendesse as penas, e o confortasse com palavras amigas. Víamo-nos diariamente; e era hábito seu depois das palestras do Garnier acompanhar-me todas as tardes de bonde até ao largo do Machado. Não raro ia ver-me na Secretaria, durante as horas de folga do trabalho, às vezes antes do trabalho. Aí, como em tudo, notava-se a extrema delicadeza da sua educação”.

Está tudo muito claro: mestre e discípulo encontraram um no outro a companhia perfeita e consoladora. Isso é raro, sabemos, mas amizades existem nesse grau de elevação, para honra e crédito de uma humanidade normalmente mais afeita aos desencontros e atritos. O que é surpreendente, não se pode negar, é essa afetividade explícita por parte de quem se notabilizou pelo recato na expressão dos sentimentos.

Mais uma vez, a propósito, trago Lúcia Miguel Pereira na citada biografia, no trecho em que fala da recente viuvez de Machado, que tanto o abalou e que tanto o aproximou de Mário de Alencar: “Nessa hora de angústia, um amigo lhe substituiu o filho que não tivera: Mário de Alencar. Apesar da diferença de idade, ligava-os uma certa identidade de temperamentos, e o moço tinha para com o velho escritor ternuras não de filho, no dizer de Afrânio Peixoto que nessa época os conheceu, mas de filha carinhosíssima”.

Além do mais, sabe-se, a idade, a dor e a proximidade do fim às vezes transformam as pessoas, tornando-as mais próximas dos semelhantes - e mais dóceis no convívio. Sobre isso, acho importante reproduzir as palavras de Antonio Carlos Villaça no livro

Diário de Faxinal do Céu, Lacerda Editores, 1998: “Machado de Assis teve o dom da amizade, sabia fazer amigos. Sabia cultivá-los. Era sociável, era gregário. Amava o convívio humano. Embora fosse tímido, reservado, introvertido”. Contraditório? Sim. Mas todos o somos, em alguma medida. Com Mário de Alencar, digamos que o urso, ferido, capitulou – e se abriu.

Devo confessar que não consigo imaginar o sério e contido Machado dando uma de conquistador para cima da esposa de um amigo. Menos ainda fazendo-lhe um filho adultérino. Que Escobar, amigo de Bentiño, possa ter feito em Capitolina, é possível – e esse é um dos encantos de *Dom Casmurro*, fruto, até onde se sabe, da ficção. Todavia, a realidade é outra coisa.

Até mesmo do ponto de vista operacional seria quase impossível o romance de Machado com a mulher de Alencar. Onde se encontrariam, com o tempo e a liberdade necessários para fazer sexo, num Rio de Janeiro provinciano, onde as pessoas se conheciam e bisbilhotavam, como na menor cidadezinha de interior? Se hoje, em pleno século 21, com todas as facilidades (celular, motéis, etc) é complicado qualquer adultério, imagine o leitor uma coisa dessas no Brasil do século 19. Claro que isso sempre ocorreu desde que o mundo é mundo, mas convenhamos.

Finalmente, creio, não pode ter gerado outro ser aquele pessimista que escreveu orgulhosamente, no final de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma das frases que mais ecoam na literatura brasileira de todos os tempos: “ – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. É preciso, portanto, uma criatividade machadiana para se pensar diferente.

Entretanto, não esqueçamos o que o próprio Machado escreveu no *Memorial de Aires* (W. M. Jackson Inc. Editores, Rio de Janeiro, 1955), ele que tanto conheceu a vida e os homens: “Tudo é possível debaixo do sol – e a mesma coisa sucederá acima dele – Deus sabe”. ✖

Francisco Gil Messias é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor dos livros 'Olhares: Poemas Bissexto', 'Na Medida do Possível: Poemas da Aldeia' e 'Um Dedo de Prosa: Escritos da Aldeia'. Seu mais recente livro é 'O Redator de Obituários: Crônicas Artigos e Talvez Ensaios', a ser lançado em setembro de 2022 (todos pela Ideia Editora). Mora em João Pessoa (PB).



A jogatina*

Adhailton Lacet Porto
Especial para o *Correio das Artes*

Dizem que a vida é um jogo onde poucos ganham e muitos perdem e que ao final todos penduram a chuteira, entregam as cartas. O jogo entra na vida das pessoas logo nos primeiros anos de existência. Na infância jogamos dominó, dama, ludo e muitos por meio eletrônico. Na fase adulta entra o gamão, baralho, loterias e outros também considerados de azar. Veja bem, não se chama jogo de sorte, mas de azar.

Sei que o jogo quando praticado como esporte é muito salutar. No Brasil, o mais popular de todos, o futebol, empolga milhões de pessoas. Se bem que algumas equipes levam seus torcedores à loucura, quando não, à morte. Algumas torcidas se organizam para torcer. Torcer o pescoço do torcedor adversário. Mas isso é outra jogada.

* Texto inspirado no tema "Loteria" para o Clube do Conto da Paraíba.

► Temos também o jogo de bicho, que em nosso estado é praticado às escâncaras, embora seja ilegal. Mas, dizem os apostadores que, quando ganham, o prêmio é pago sem formalidades.

Nunca fui chegado a jogo de azar, até porque desconheço alguém que tenha enriquecido aplicando suas economias em jogos. Foi o caso do meu genro, Manoel Apolinário, que durante anos adiou o casório com minha filha Candice. Se achava um homem sortudo. Ganhava sempre no carteadado, damas, gamão, jogo do bicho. Mas seu sonho mesmo era faturar a sorte grande com a Mega-Sena da Virada. Dizia que quando ganhasse na loteria casaria com Candice. Nessa pisada, enrolou a menina por uns oito anos. Perdi a paciência e disse ou casa ou desaparecesse da vida da dela. Casou. Mas continuou com a jogatina. Não tinha trabalho certo, vivia organizando rifas e partidas de peladas, formando times dos bairros locais. Apostava também no baralho. Até amealhava alguns caraminguás. Eu não achava que aquilo fosse um meio de vida. Não sentia firmeza. Queria que minha filha tivesse um marido com emprego decente.

Mostrava para Manoel reportagens de jornal noticiando o fechamento de mais um cassino. Dizia-lhe que cassinos clandestinos são atrativos para o jovem ser iniciado na jogatina, entregando-se ao vício e aos poucos dilapidando suas economias e comprometendo também a renda familiar. No desespero de recuperar o dinheiro perdido em jogos, terminam por apostar tudo o que possuem de bens materiais. O jogo de azar é um flagelo pouco debatido e combatido em nosso país, que entra na vida do jovem como inocente entretenimento e se instala definitivamente como uma praga devastadora. Que nada, meu sogro – respondia entre rictos sardônicos -, uns nascem para ganhar, outros para a derrota. Até agora estou no time dos vencedores. Não sou mané. Só me falta a sorte grande!

Eu continuava com minha cantilena, enfatizando em tom professoral que participar de jogos de azar é alimentar um vício econômico e eticamente danoso. Que desorganiza o trabalho, exalta a imaginação, favorece os maus desígnios, aguça a cupidez, avilta o caráter, entretém



ociosidade, gera a ruína, motiva os crimes mais graves, sobretudo contra o patrimônio, as falsidades, as chantagens, os peculatos, e por fim, insensibiliza, corrompe e degrada. Caia fora, genro. Não adiantava. Minha fala era carta fora do baralho.

Tudo era pretexto para jogar. Um dia, na hora do almoço, minha esposa Carminha contou que sonhara com um gato caindo do muro. Manoel Apolinário arregalou os olhos, não concluiu a refeição e saiu disparado para a banca de seu Elias. Enfim, chegara o dia da sorte grande. Juntou todo o dinheiro amealhado e, como ele costumava dizer, “aplicou” tudo na centena e milhar. Gostava dos felinos e agora o gato mudaria sua vida.

Esse seu otimismo e confiança

desta vez nos contagiou a todos aqui em casa. Ficamos aguardando o resultado do jogo do bicho. Tinha que dar o 14! Miau! Miau! Miau! Essa onomatopeia ressoou o dia todo, saindo da boca de um homem esperançoso. O resultado veio na hora do lusco-fusco: Deu três na centena e milhar. Carminha, que desconhecia a tabela dos bichos, indagou: Três! Que bicho é esse, meu genro? Manoel mal conseguiu balbuciar: buur... burro, três é burro!

Carminha não se conteve: Meu filho, você interpretou errado, gato que cai do muro é burro! Desconsolado, meu genro olhou para mim. Encolhi os ombros e mostrando as palmas das mãos, lembrei do ministro e disse: Perdeu, mané! ❧

Adhailton Lacet Porto, nasceu em João Pessoa-PB, onde mora. É magistrado. Escreve crônicas e contos para o portal MaisPB e Diário de Pernambuco. Integra a União Brasileira de Escritores - UBE-PB e o Clube do Conto da Paraíba. É vice-presidente da Academia Estudantil Cabedelense Infantojuvenil de Letras e Artes - Aecijal-Litorânea. Publicou o livro 'Os Ditos do Quiçá' (Arribaçã Editora, 2ª edição, 2022).

Sutilmente romântico e saudoso

Cyelle Carmem

Especial para o *Correio das Artes*

Autor premiado, o catarinense Alcides Buss começou a publicar seus poemas no final dos anos 1960, durante o conhecido movimento da poesia marginal. Ao longo de sua carreira, Alcides dirigiu a Editora da UFSC por 17 anos e foi finalista do Prêmio Jabuti 2000 com o livro *Cinza de Fênix e Três Elegias* (Editora Insular, 2000). Em tempos recentes, foi diretor de Comunicação da ABEU e atualmente coordena o Círculo de Leitura de Florianópolis (SC).

Com o livro *Janela Para o Mar*, publicado em 2012 pelas Caminho de Dentro Edições, Alcides mergulhou fundo que o livro ganhou o Prêmio Fernando Pessoa

pela UBE/RJ. O crítico Hildeberto Barbosa Filho ressalta “a intensidade do lirismo, o domínio vocabular, a sobriedade das imagens e a serena melodia do ritmo”.

Esta sobriedade e lirismo, indicados por Hildeberto, são encontrados no poema ‘A-mar’, propositalmente utilizado o hífen no título, indica a dualidade “amar” e “mar”, sendo sutilmente romântico e saudoso. O mar, em seu horizonte infinito, desperta a dor da espera de amor, a dor de amar sem ser correspondido.

Escrever sobre o mar é quase um chamado para a maioria dos poetas. Ele é encantamento e mistério. O que o poeta não consegue conter em si mesmo, extrapola e extravasa no mar, porque este suporta tudo, em sua calma e suas tempestades.

“O mar está dentro de mim”, verso do poema ‘Tudo é possível’, denota a imensidão que é sentir demais. Palavras como “desejos”, “entranhas”, “derrama”, “abismado”, “despir-se” atestam a incontinência

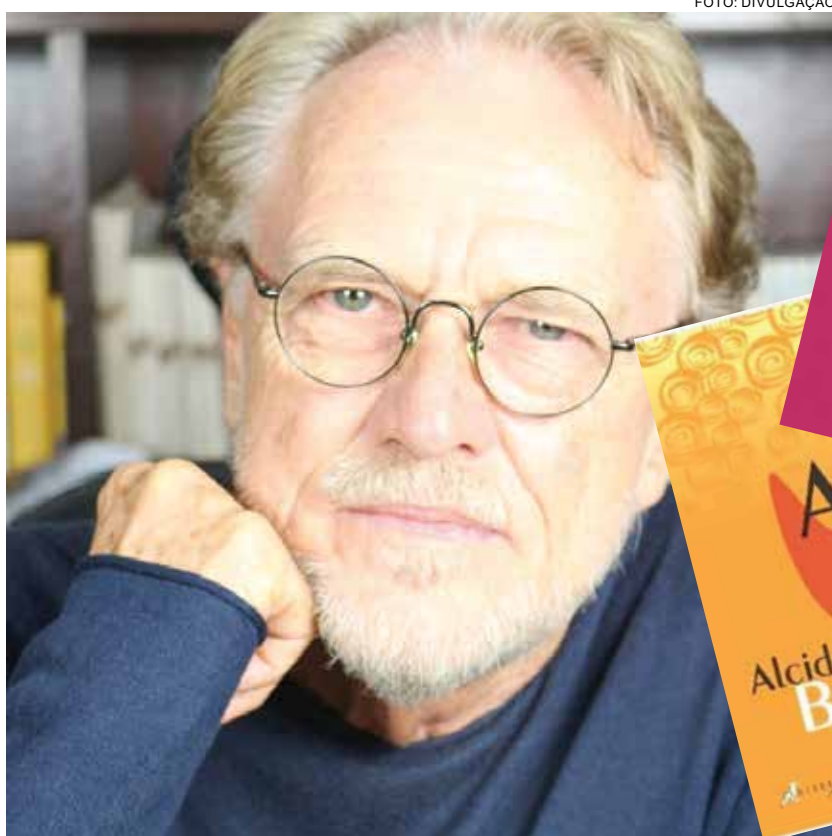


FOTO: DIVULGAÇÃO



Alcides Buss e as capas de dois de seus livros, 'Janela Para o Mar' e 'A Culpa Está Morta', este lançado dez anos depois: sua poesia é uma corrente de mar invadindo os vazios da existência

▶ de se limitar-se, pois “o mar está dentro de mim”, verso repetido na primeira e na última estrofe, em contestável indicação de que se misturam e se compõem, derrubando paredes internas

‘Inquietação’ traz a angústia de saber-se: “que limites tem a vida?”

‘Peso e leveza’ é o ponto de observação da dicotomia entre o peso do mar, denso, e a leveza das gai-votas em seu balé de delicadeza. Aqui o mar não está dentro, mas fora dos olhos, em seu profundo absoluto, sendo palco para os pássaros dançarem. Os pássaros aparecem novamente em ‘Em Nome do Altruísmo’, dessa vez, consumindo a tempestade.

O silêncio é um aspecto comum em alguns poemas quando se fala sobre o mar. O ato de observá-lo atrai o silêncio, que é parte do processo de estar apaixonado pelo mar, que nada diz em palavras, mas invade e preenche as “entranhas” em ‘Lucidez e estorvo’. ‘Interdições’ é pura identificação com a presença do mar no dia a dia. Sem ele, não há alegria; com ele tudo se preenche. O mar, em sua completude, cala o observador de todas as palavras. Ele fala em ocasiões de plenos silêncios e se faz entender.

De tanto contemplá-lo, o indivíduo se confunde com o mar. “De repente / é ele, e não mais eu, / que fixa o olhar / nisto que sobra / do que fui / ou que se achava ser” em ‘Mutatis Mutanti’.

É possível encontrar abrigo no mar em ‘A concha do ser’. Ele é “o ser imune às palavras” em ‘Fronteiras’ em que se apossa de territórios do ser. Em ‘Invocação’, há uma súplica para que o mar seja a cura dos males do coração, das mágoas do passado, com seu poder de sal, poder ser purificado.

‘Nas praias da vida’ é o próprio caminhar nas areias e refletir sobre si mesmo, através do tempo em mutação, sendo transformado pelas águas do mar e pelo próprio andar. Na dança das marés, o indivíduo identifica-se com a mudança do mar, no balanço das ondas desenha-se uma ‘Gangorra’.

Já em ‘Mar Egeu’ há referências mitológicas de deuses. Em guerras, como entre Esparta e Atenas, mulheres e homens se completam e se unem através do Mar Egeu. Como se ele fosse o fio condutor que lembra

o passado mitológico para construir o futuro, o presente do aqui e agora. A mitologia é citada novamente em ‘Pandora em arco-íris’ numa referência ao que se guarda. Em ‘Ulisses’, o mar é associado ao herói.

Se a palavra de *Janelas Para o Mar* é “mar”, num intervalo de 10 anos entre as obras, a palavra de *A Culpa Está Morta* é “mundo”, “lugar”. Este último publicado em 2022, também pelas Caminho de Dentro Edições, por repetidas vezes, a localização, o “estar em” é ponto de partida da poesia. ‘Que fosse um bolero’ enaltece a comunhão entre pessoas e povos, quebrando a ideia de que somos seres solitários. O eu lírico desenha a evolução do indivíduo levando-o às cidades e à nação.

Ao pegar o mote de sermos maiores e podemos ir além da terra em que pisamos, ‘Buenos Aires, Florianópolis’ busca a vontade de ser aventurar “além da ponte”, aqui fazendo referência à ponte Hercílio Luz, localizada na capital catarinense. O mundo é citado em ‘De boa vontade’ como ponto de referência para si mesmo. “Viver/não é preciso; navegar, sim, / navegar é preciso, descobrir um novo sentido / para estar morto / e para estar vivo”, de ‘Escritas do mar’, faz referência à afamada frase de Fernando Pessoa, no entanto, originalmente é do general romano Pompeu, a qual dialoga com a tradição histórica da exploração dos mares realizada pelos portugueses. Mais uma vez demonstra a inquietação do ser diante da imensidão do mundo e do quanto ele pode oferecer, ou seja, “Um barco costura / o vir-a-ser ao ter-havido”.

‘Meu lugar’ homenageia escritores e seus locais de nascimento mais ou menos como uma indicação de que o local faz brotar gênios da literatura. O pertencimento também aparece em ‘O novo limiar’.

O tempo é o lugar de ‘O estorvo da infância’. A influência do externo e do passado invade o presente e o corpo o paralisa, portanto, “tudo que posso é render-me ao tempo.”

Multidão, ser de sociedade, ao mesmo tempo em que ela muda, ela continua sendo sociedade em essência no poema ‘Improviso para

Amanhã’, porque o tempo muda as pessoas, mas não muda a noção de coletivo, porque será “a mesma multidão”.

‘Meus livros’ é a linda relação entre o eu lírico e os livros. Estes o dominam e o internalizam, fazendo-o ir em frente. Em ‘O livro’ já é necessário apresentá-lo às crianças, através do dicionário.

‘O lugar e a nostalgia’ aborda mais uma vez o ser no mundo, que, seja onde for, continua sendo o mesmo, que “em qualquer lugar / em que esteja / haverá um não-estar ali”. Paralelamente, ‘Um rumo’ condiciona o indivíduo ao mundo, a existência concomitante de ambos, entrelaçados para a sobrevivência.

‘De olho no mar’ confirma a relação íntima do autor com o oceano, uma vez que “Olhar o mar / alonga o sentido / do ter-se nascido”, pois ele é o início e o fim da vida, “tem algo de eterno”.

‘Pequena ode triunfal’ reflete o tempo, ao perceber o futuro de uma criança que brinca e de perceber-se ainda menino, aos olhos dela, mesmo já adulto.

Ao final do livro, temos o longo poema, ‘A culpa está morta’, que dá título à obra. Quase todas as 60 estrofes começam com o verso “Não tem culpa o leitor”, em total intenção de abster o leitor da toda a culpa, atribuída totalmente ao poeta. Toda entrega aos “penhascos da fama” e da vastidão do ser todo literário, “dos excessos que transbordam”, “de estar / a um só tempo / no caos e na luz, / no corpo e na morte do corpo.” Todos os excessos sentimentais, a sensibilidade à flor da pele e tudo o mais que permeia e favorece a vida do poeta para que ele seja quem é, são indicados como culpa ao poeta. O leitor vira mero expectador e deleita-se.

Assim, percebe-se que Alcides Buss possui linguagem simples e objetiva, ao mesmo tempo em que cativa o leitor, envolvendo em puro lirismo e encantamento. Sua poesia é uma corrente de mar invadindo os vazios da existência. ❖

Cyelle Carmem é poeta, nascida em João Pessoa. Possui mestrado em Letras e é autora dos livros ‘Luzes de Labirinto’, ‘(Uni)verso’, ‘O tempo da delicadeza’ (romance) e ‘As árvores morrem de pé’.

Talden

o louco

não foi
dra. nise
quem disse
que de gênio
e pouco
todo mundo
tem
um louco?

dra. Nise

a arte
cura
amar-te
cura

(não é à toa
que a palavra loucura
também abriga
a cura)

sintaxe

amar
e separar-se

dois verbos
a mesma sintaxe

desamor

se amar
é arte

desamar
faz parte

(o amor
às vezes
vira marte)

rimbaud

nunca quis
escrever poema
algun

apenas pedi
socorro

– ou redijo
ou morro!

o que não tem nome

quando ouço
e vejo
o mar

de algum modo
alcanço

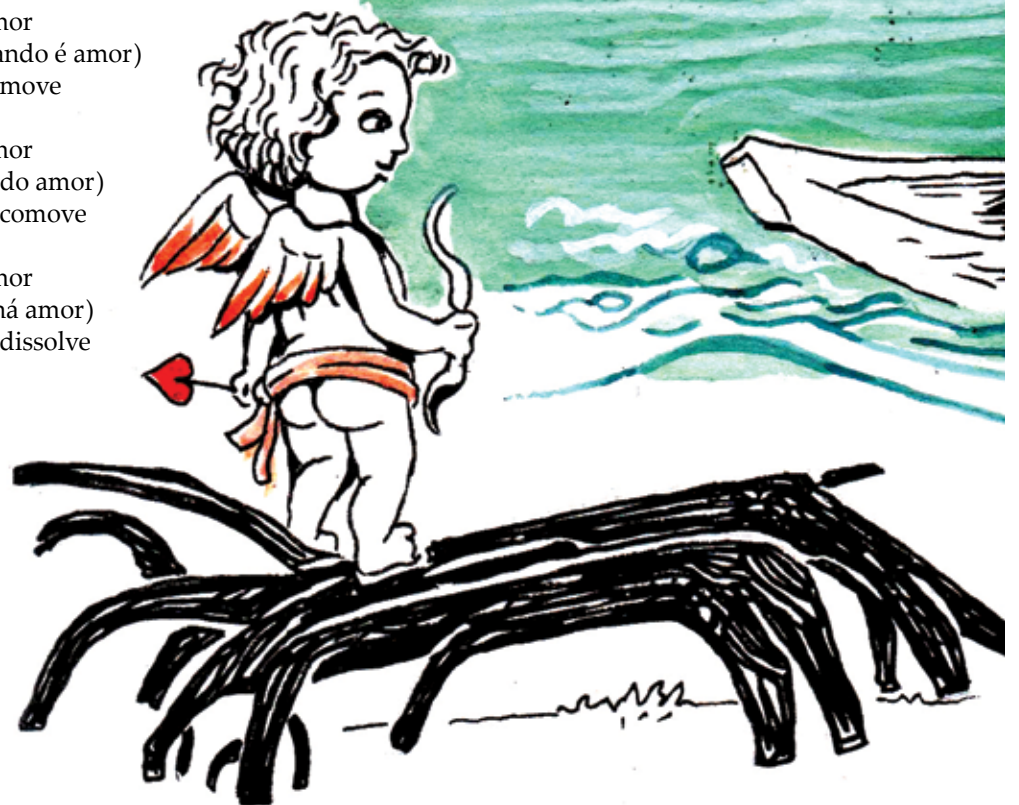
o verbo amar

amor

o amor
(quando é amor)
nos move

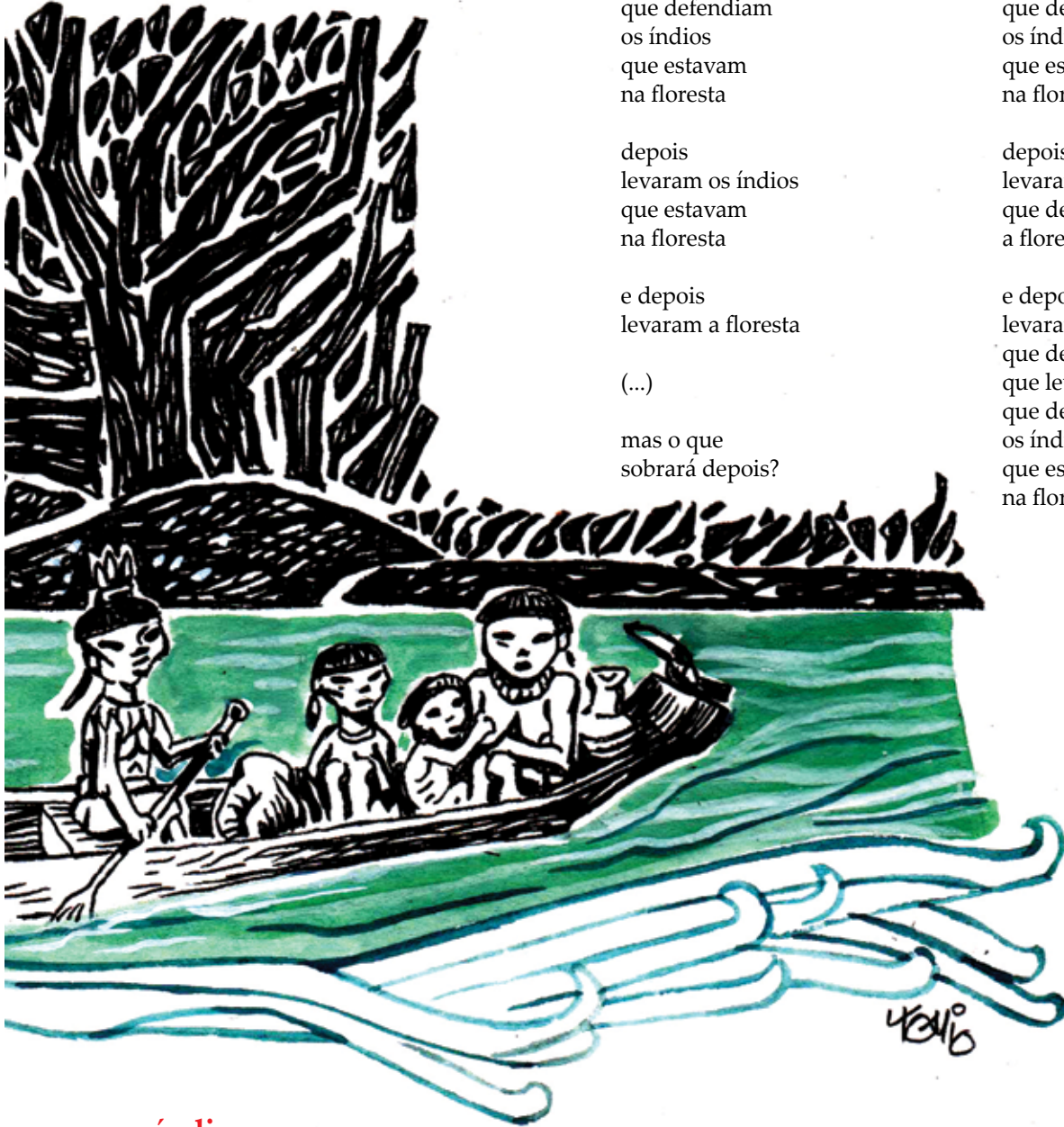
o amor
(sendo amor)
nos comove

o amor
(se há amor)
nos dissolve



Farias

ILUSTRAÇÃO: TONIO

**floresta I**

(para dom e bruno)

levaram os homens
que defendiam
os índios
que estavam
na floresta

depois
levaram os índios
que estavam
na floresta

e depois
levaram a floresta

(...)

mas o que
sobrará depois?

floresta II

(para dom e bruno)

levaram os homens
que defendiam
os índios
que estavam
na floresta

depois
levaram os índios
que defendiam
a floresta

e depois
levaram a floresta
que defendia os homens
que levaram os homens
que defendiam
os índios
que estavam
na floresta.

índio

por trás daquela mulher
belíssima
que dança e brilha
no salão
com o seu colar de diamantes

há sempre a sombra
de um índio
que já não pode dançar mais



Talden Farias é professor da UFPB e da UFPE. Tem vários livros publicados na área de Direito Ambiental, mas também é ensaísta e poeta, autor do livro de poesias 'Cemitério de Deuses' (Cia Pacífica, 1998).



As várias vozes do Brasil

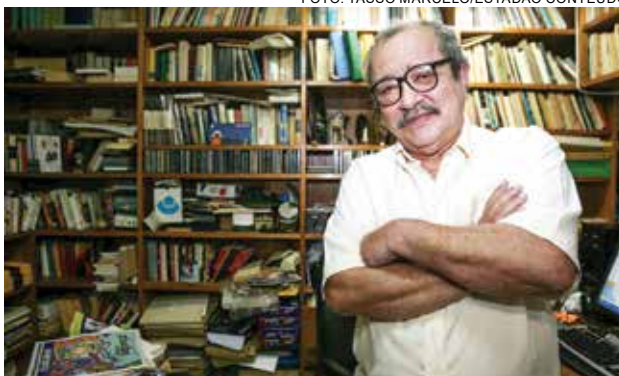
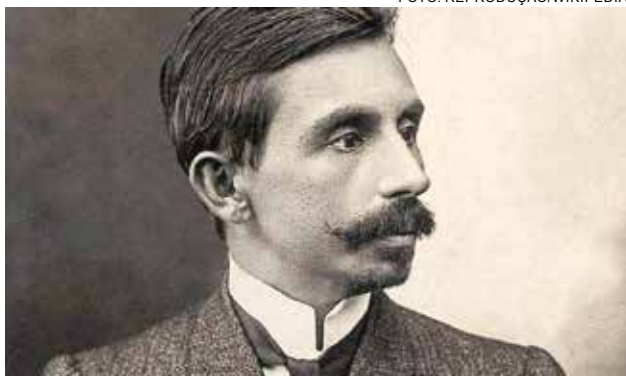
Ao meu amigo William Costa

“E nas notas estocadas que as gargantas das velhas do Baiacu plangem pelos ares, vem por via dos pensamentos a mesma pergunta desfiada nos entremeios daqueles labirintos pálidos de música fúnebre, feita pelos idosos a repetir o sinal da cruz e pelos modernos a antecipar façanhas d’armas, pergunta esta sobre se ela virá, sobre se, rompendo a noite em cavalgada irresistível, singrando os mares em esquadra imbatível, esfarinhando os matos em marcha invencível, Maria da Fé virá reverenciar o corpo do avó, o grande Nego Leléu, de irrepreensível memória. Noite, acenando suas luvas pretas para seu irmão Sereno, sua irmã Friagem, seu companheiro Desconhecido, seu ordenança Mistério, seus primos Receios, suas amigas Assombrações, seus comensais Sobressaltos, não queria nem ia responder, fazendo-se assim decantar-se no ar da ilha um medo insidioso de tudo, um medo de nada, a sensação que ninguém desconhece – a de que alguma coisa forte está para acontecer” (João Ubaldo Ribeiro, *Viva o povo brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, Capítulo 12, p. 399).

Nego Leléu morreu. Morreu dormindo, depois de ter virado menino, compensando o tempo enorme em que trabalhou e não pôde ser criança, por ser negro em tempo de escravidão, sobretudo. As carpideiras fazem o seu trabalho no seu velório, cantando as “incelenças”, que preparam o seu caminho para a chegada na outra vida. Especula-se se sua neta Maria da Fé ou, simplesmente, Dafé, afamada como bandida perigosa e revolucionária, irá aparecer em seu último momento, para homenagear aquele que foi tudo para ela, não apenas um avô emprestado. As canções e as narrativas que mitificam Dafé, nascida bissexta, vivem na boca do povo sofrido que a vê como sua heroína libertadora.

João Ubaldo Ribeiro, que constrói em *Viva o Povo Brasileiro*, a mais brasileira de nossas narrativas, a mais

genética de todas que poderíamos ter ou imaginar, inteiramente fundamentada no elemento negro, na sua escravização, exploração e humilhação, é o responsável pela criação do mito libertador, em uma personagem negra e feminina. O romance é dos mais importantes da nossa brasilidade, à altura do nosso maior poema, que reflete um outro momento dessa formação – *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles –, e de outro grandioso livro, talvez o maior de nossa cultura, a quem João Ubaldo presta o seu respeitoso tributo, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Infelizmente, todos, se não de todo desconhecidos, não são tão conhecidos como deveriam ser. A diferença entre estas três grandes narrativas, duas em prosa, outra em poema, com a poesia habitando-as sem discriminação, é que o romance



Euclides da Cunha (E) e João Ubaldo Ribeiro (J): 'Viva o Povo Brasileiro' parece exigir um estudo comparativo com 'Os Sertões'

▶ de João Ubaldo, cobre toda a nossa formação nacional, do princípio da colonização ao século 20, com um ponto de vista que é o do humilhado e oprimido.

Este ponto de vista, contudo, não é unívoco. Há várias vozes que ali se misturam, como há várias linguagens a compô-lo, do erudito ao popular, da fala do branco à do negro, do português ao *baianês*, linguagens que, por vezes, são perpassadas por retóricas cediças, em que o latim, por exemplo, aparece muito mais como ironia e exemplo de sentenças eruditas completamente esvaziadas de seu sentido, sendo mais *latinório* do que latim. Linguagem que oscila entre a seriedade e o humor, entre o convencional e o propositadamente marginal e esquivo ao que se pode chamar de linguagem culta, prevalecendo, em muitos aspectos a oralidade e a expressividade dos personagens, com a forma escrita, no mais das vezes, não pedindo licença para misturar os discursos vários – direto, indireto e indireto-livre –, mas, ainda assim, não impedindo a compreensão do leitor e que ele se torne cativo do que lê, dada a fluência de fala e de conversa que o escritor baiano maneja com rara habilidade. O narrador em terceira pessoa não monopoliza a narrativa, entrega-a solta a seus personagens, origem dessa multiplicidade de vozes, que se observa em *Viva o Povo Brasileiro*. Ele mesmo muda de tom, muitas vezes, ao narrar (Capítulo 13, p. 443).

No Capítulo 12 (p. 406-13), de que um trecho inicia o nosso texto, o diálogo parodístico com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é muito claro, na farsesca tentativa de captura de Dafé por um contingente do exército,

em condições miseráveis, fazendo desmando com os mais pobres, mal comandado, sem estratégia adequada à situação, num terreno desconhecido, guiado por um capitão que se crê Napoleão... Ao leitor habitual de Euclides, só vem à mente a malbaratada terceira expedição, comandada pelo coronel Moreira César...

É no Capítulo 16 (p. 536-544) que as referências à guerra de Canudos e a *Os Sertões* são mais diretas. Filomeno Cabrito é um sertanejo piauiense que ouve a história de um cego, em sua passagem pelo Arraial de Santo Inácio, antes de continuar a sua jornada para Canudos (p. 544). A narrativa do cego Faustino mitifica a história de Dafé, partindo desde o heroísmo inventado pelo Barão de Pirapuama até a criação da *Irmandade do Povo Brasileiro* e a sua *Milícia do Povo*.

No Capítulo 17 (p. 572-590), encontramos Filomeno Cabrito, levando armas e munições a Canudos, tratando o exército à maneira de Euclides da Cunha – “fraqueza do governo” (p. 572). Trata-se de referência explícita à expedição Moreira César, a quem se alude apenas, sem citar o nome. A datação das ações do capítulo, 1º março de 1897, não deixa dúvida com relação à terceira expedição a Canudos, pois foi esta a data da chegada de Moreira César e sua tropa ao sítio do Rosário, em direção ao arraial de Antônio Conselheiro. Filomeno Cabrito é salvo das mãos do exército, por Maria da Fé e Zé Popó, que estavam levando ao sertão os ventos da liberdade, ampliando o raio de sua ação rebelde. Mito, Maria da Fé ou Dafé aparece e desaparece, sustentada e exaltada nas narrativas populares que a mostram como conscientizadora e libertadora do povo.

Outras referências à guerra de Canudos aparecem no Capítulo 18 (p. 593-4), em forma de denúncia da miséria e da tragédia que ali ocorreram. O fato de a guerra de Canudos aparecer, agora, de forma ficcional, não é menos plausível que a verdadeira, saída da pena de Euclides da Cunha. *Viva o Povo Brasileiro* parece exigir um estudo comparativo com *Os Sertões*.

Se João Ubaldo mantém um diálogo explícito com a genial obra de Euclides da Cunha, ele não se esquivava de dialogar com o clássico, como faz com a *Teogonia* de Hesíodo, reformatando-a de uma sistematização de mitos, feita pelo poeta grego, a uma ação que expressa a dor pungente na morte do Nego Leléu, que criara a esperança dos desvalidos, ao se referir à *Noite* e a sua genealogia ou aos que fazem parte de sua *filia*. Hesíodo não vai além da descrição genealógica, João Ubaldo transforma-a em narrativa que dá a medida da dor e da aflição diante da morte e da esperança, além de lhe conceder o devido tom lírico, que não existe no texto grego. Veja-se o texto de Hesíodo (*Teogonia*, versos 211-213; 223-225, em tradução nossa): ▶

- ▶ “Noite pariu odioso Lote, atro Destino E Morte, pariu Sono e a estirpe de Sonhos. Depois, Escárnio e Miséria dolorosa. [...] Pariu também Nêmesis, dor aos perecíveis mortais Noite funesta. Além disso pariu Fraude e Amor Sexual E Velhice ruínosa e pariu Éris de ânimo violento.”

É a expressão apenas do que é dor e miséria, nunca de esperança...

Nessa construção, o caboco Capiroba, Vu, Dadinha, Turíbio Cafubá, Daê ou Vevé, Maria da Fé ou Dafé, Nego Lelê, Júlio Dandão, Budião, Zé Popó, Sá Rufina, Rita Popó e Patrício Macário são personagens vigorosos, que permanecerão mais do que o Barão de Pirapuama ou a baronesa, ou, ainda, Amleto Henrique Nobre Ferreira-Dutton, o mulato que sonha com o embranquecimento seu e da família, não deixando de fazer tocas diárias de babosa, para com elas dormir e alisar o cabelo, além de inventar não só uma descendência inglesa, mas construir um nome inglês e conceder-se um título de Comendador, porque só o dinheiro não lhe permitirá a ascensão.

Integra-se a esse conjunto Bonifácio Odulfo Nobre dos Reis Ferreira-Dutton, palavroso poeta romântico de linguagem empolada, que, com a morte do pai, assume os negócios e vira um financista de marca, pondo cobro aos gastos do irmão Monsenhor, Clemente André Nobre dos Reis Ferreira-Dutton. Da família, no entanto, a melhor perspectiva fica com outro irmão, o já citado Patrício Macário, que luta bravamente na guerra do Paraguai, chega ao posto de general, mas desdenha da “nobreza” da família.

Com uma narrativa agradável e linguisticamente bem temperada, de acordo com o que recomenda Aristóteles para a obra ficcional (*Poética*, 1449b), João Ubaldo Ribeiro, como bom baiano, não dá *ousadia* a panfletarismos, brincando com a sua habilidade de grande escritor e com o humor que lhe é peculiar, brinda-nos com este romance, apesar de massudo, mas nunca maçante, que se faz presença obrigatória nas estantes, mas não para fazer número e sim para, incontornável e inquestionavelmente, ser lido e compreendido, como essencial para o entendimento de como se deu a formação da nossa identidade, e de como devemos ouvir as várias vozes que compõem a nossa sociedade. ❖



IMAGENS: REPRODUÇÃO



Cecília Meireles

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA



Diferença entre estas três narrativas é que o romance de João Ubaldo (no alto) cobre toda a nossa formação nacional, do princípio da colonização ao século 20, com um ponto de vista que é o do humilhado e oprimido

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Efigênio Moura

E A ARTE DA NARRATIVA

Thélio Queiroz Farias
Especial para o *Correio das Artes*

“Quería não falar como se escreve, senão
escrever como se fala”
(Juan Rulfo, escritor mexicano)

A oralidade é a voz do povo, a expressão de um contexto sociocultural numa linguagem pura inserida na fala local, regional, e por fim, voltada para uma aldeia universal, é a criatividade de Efigênio Moura em reproduzir a cultura da simplicidade, numa manifestação através da palavra e o pensamento transformado em falas populares, por meio da literatura.

José Efigênio Eloi Moura nasceu na cidade de Monteiro, no Cariri Ocidental paraibano. Herdou de seu avô, o poeta alagoano Efigênio Teixeira de Moura, não só o nome, como o talento para brincar com as palavras e a criatividade para engendrar narrativas. Adolescente ainda, começou a escrever, sempre demonstrando talento para o mundo das letras.

Graduado em Marketing Estratégico pela Faculdade Paraibana de Processamento de Dados (FPPD), Efigênio Moura estreou na literatura em 2009, lançando *Eita Gota! (Uma Viagem Paraibana)*, tendo como referência a paisagem do Cariri e de boa parte da Paraíba. *Eita Gota! (Uma Viagem Paraibana)* foi reeditado em 2012 e 2020. No ano seguinte, 2010, publica *Ciço de Luzia*, narrativa que explora as sensações entre os personagens, reproduzindo a variedade linguística do Cariri e Sertão paraibano. O livro teve três edições (2010, 2014 e 2022) e uma tradução para o inglês (2019).

Santana do Congo é publicado em 2013. Constitui-se uma comédia romancada com o linguajar nordestino, que se passa na cidade do Congo, durante a tradicional Festa de Santana. Em 2022, a obra receberia nova edição.

Um dos maiores sucessos de Efigênio foi lançado no ano de 2015: *Caderneta de Fiado*. Escrito na primeira pessoa, a narrativa se passa, em sua grande parte, na cidade de Taperoá, dividido em 21 partes, no qual evoca a antiga Batalhão, primeiro nome da cidade de Ariano Suassuna. *Caderneta de Fiado* levou o Prêmio Maria Pimentel, em 2019, recebendo reedição especial em 2021.

FOTO: ALPB/DIVULGAÇÃO

Efigênio Moura com a medalha que recebeu da Assembleia Legislativa da Paraíba: obras do autor nascido em Monteiro reproduzem a cultura da simplicidade do povo nordestino

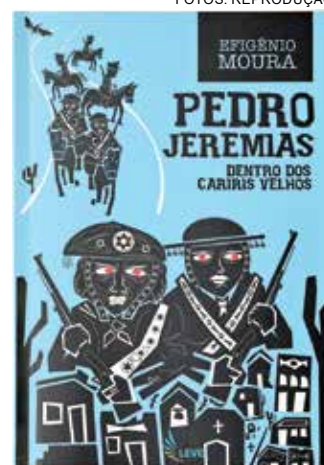


▶ Incursionando pelos contos, gênero que “*escrevendo-se menos, acaba-se por obter mais*” (Sérgio Sant’anna), publica, em 2016, *Apurado de Contos*, com histórias divertidas como o “Sequestro em Coxixola” e “Dia de jogo na abadia”. No livro, consta ainda dois contos baseados na obra do cantor e compositor Chico César.

Sua grande obra é *Pedro Jeremias*, publicada em três tomos nos anos de 2017, 2019 e 2020. A trilogia *Pedro Jeremias* é mais que três livros de aventuras. São também livros de história, com narrativa baseada em fatos reais ocorridos na história do cangaço, além de adaptações de documentos e episódios ocorridos na vida dos cangaceiros (para tanto registra a farta bibliografia estudada pelo autor). Aventura, história real, ficção, romance, cangaço, direito, cordel, geografia, sertão nordestino... tudo é contado na linguagem do sertanejo, do homem do interior esquecido, de uma época em que as comunicações eram quase inexistentes, a seca era mais que presente e o sofrimento da população inigualável. Destaco, dentre outros, o seguinte trecho da trilogia *Pedro Jeremias*:

“Luzinaldo lembrou da fé:
 -- Não. Num saio enquanto
 nosso Senhor Bom Jesus estiver
 nos guardando.
 Ele se referia a Antonio
 Conselheiro.
 Ela emudeceu. A palidez se
 fez presente. Levantou a cabeça e
 com os olhos castanhos banhados
 respondeu secamente:
 -- Ele morreu.
 Luzinaldo não quis acreditar,
 nem no agora e nem no que viria,
 indagou a professora:
 -- Ele morreu? E agora, o que
 fazer?
 -- Morrer.”

O ano de 2020 seria o da publicação de dois livros. *Siá Filiça*, pequena novela inspirada na música do mesmo nome, de autoria dos irmãos Bira e Fátima Marcolino, filhos do consagrado compositor Zé Marcolino – parceiro de Gonzagão, música consagrada na voz do cantor cearense Santanna, o Cantador. A outra obra lançada no ano foi *Chã dos Umbuzeiros*, que retrata a alegria do nordestino ao encarar os piores momentos com solidariedade e fé no porvir.



FOTOS: REPRODUÇÃO

A trilogia Pedro Jeremias é a grande obra de Efigênio Moura: mais que três livros de aventura, são também livros de história, com narrativa baseada em fatos reais ocorridos no cangaço

Efigênio lançou *Sertão de Bodocongó*, no ano de 2021. No livro, Moura se supera, mesclando as aventuras no Cariri paraibano, com reflexões sobre a vida, a morte, a dor da saudade, enfim, sentimentos humanos que são sensíveis a todas as pessoas do planeta. Com um realismo fantástico, que lembra o escritor mexicano Juan Rulfo – uma das inspirações de Gabriel Garcia Marquez – no seu clássico *Pedro Páramo*, onde se caminha pelos mundos dos mortos. Uma preciosidade literária em 14 capítulos, que fazem referência às 14 estações da *Via Crucis*.

Analisando *Sertão de Bodocongó*, o escritor e jurista maranhense radicado em Brasília Cadmo Soares Gomes, diz que o livro “é uma leitura que nos faz refletir sobre a existência, sobre o fluxo da vida, sobre as coincidências de acontecimentos que nos parecem únicos e individuais, mas que são coletivos. Todos temos na nossa trajetória pessoas que nos batem, nos ajudam desinteressadamente, nos levantam, enxugam nossas férias, tantos têm relação edipiana com a mãe – João Heleno vivencia tudo isso. Ao acompanhá-lo, a gente vai ser ver no espelho”.

Com capacidade criativa incommum, Efigênio não pára e publicou recentemente *Beijo de Pestana*, seu primeiro romance urbano, cujo cenário é Campina Grande, a cidade que Moura reside. A sina de Efigênio é amar à narrativa, tecendo invenções em seus livros calcados com dados historiográficos, antropológicos e geográficos.

Nélida Piñon, a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, ressalta que “...a oralidade,

a serviço do ritmo da língua, dos motes, dos refrões, responde pelos fundamentos da arte narrativa”. Efigênio Moura coloca em seus livros essa forma de escrita, levando em consideração a cultura oral, falada sob o sol causticante do sertão dos principais Estados do Nordeste, fazendo quase o mesmo que o escritor Guimarães Rosa fez com o linguajar dos jagunços das gerais mineiras em *Grande Sertão: Veredas*.

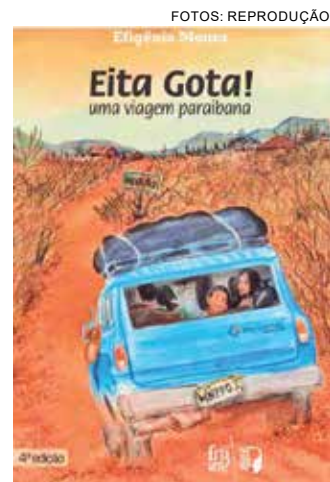
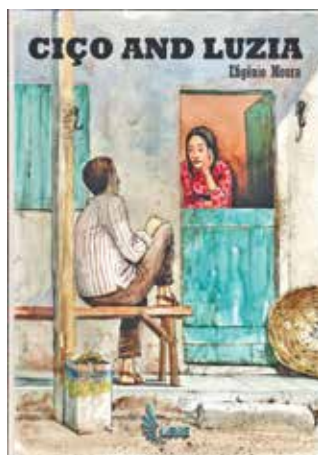
Uma nota no início da maioria dos livros de Efigênio, já avisa ao leitor que “o linguajar nordestino é utilizado como forma de reproduzir a rica e sólida expressão oral existente na região, a ‘verdadeira língua do povo””.

Se no linguajar Efigênio é um pouco o mineiro Rosa, na descrição do semiárido e das paisagens nordestinas, lembra algo do carioca Euclides da Cunha, no monumental clássico *Os Sertões*, descrevendo, por exemplo, nos três volumes de *Pedro Jeremias* caatingas, regiões, serras, rios, vilas, pequenas cidades, distritos, montanhas e sofrimentos do povo pobre do interior da mais sagrada das regiões do Brasil, o Nordeste.

Por fim, a obra de Efigênio Moura é repleta de poesia, em frases que lembram a narrativa prosa-poética de Rachel de Queiroz ou as canções consagradas na voz de Luiz Gonzaga (o Rei do Baião), frases como “(...) para tentar encontrar a morena que lhe ganhou os olhos e inquietou seu coração” ou em afirmações como “confiar nas pessoas é um dom que a gente do meio do mato aprender a apreender...” ou “não estou aqui para implantar a literatura do oxente. Isso sempre existiu, mas para futucar com vara de ferrão aqueles que ainda não viveram a literatura do Vixiiii Maria!”

Como disse Ariano Suassuna, “Euclides da Cunha identificou nossos dois países diferentes através de dois emblemas. O Brasil oficial, ele o viu, na rua do Ouvidor, centro da civilização cosmopolita e falsificada. E o Brasil real, o emblema bruto e poderoso do sertão.”

A literatura de Efigênio Moura tem como matéria prima o Brasil real, o cotidiano do homem nordestino, com suas vicissitudes e dificuldades. Falei em Ariano porque sinto, nas entrelinhas da obra “efigeniana”, uma certa influência do nosso conterrâneo, autor da *Compadecida* e da



Algumas das obras de Efigênio Moura: narrativas que reproduzem a variedade linguística do Cariri e Sertão paraibanos

Pedra do Reino, seja no batismo do Padre (“Chicó”) e na utilização de expressões como “Caetana”, ao se referir a morte.

Lembrei-me de ensinamentos de Euclides, quando ele disse que “o espetáculo diário da morte dera-lhe a despreocupação da vida” e quando afirma que “o sertão é o homizão. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do time. Tira o chapéu, e passa.” A mesma sensação de covardia que *Os Sertões* passa, Efigênio Moura transmite na questão dos degolamentos na obra de Pedro Jeremias.

Efigênio Moura realça, para contar suas histórias de amor, cultura e aventura, a língua extremamente expressiva, moldada pela fala popular do sertão, rica e densa, instrumento eficiente para sua narrativa. Seus romances são oriundos da imaginação alimentada pela cultura popular nordestina.

Efigênio Moura, que já recebeu a maior comenda cultural da Paraíba, a “Medalha Augusto dos Anjos”, outorgada pela Assembleia Legislativa, é um nome gigante da literatura contemporânea brasileira e, como lembra Nélida Piñon, que há pouco nos deixou, ao findar a leitura de um livro de Efigênio, temos a convicção de que “...a oralidade, a serviço do ritmo da língua, dos motes, dos refrões, responde pelos fundamentos da arte narrativa. Eis a minha crença na verdade obscura da escrita”. ✦

Thélio Queiroz Farias é natural de Campina Grande. Advogado militante, já publicou 19 livros, dentre livros jurídicos, poesia, relatos de viagem, discursos, ensaio e biografia. Pertence a diversas instituições culturais e ocupa a cadeira n. 23 da Academia de Letras de Campina Grande, da qual é o atual Presidente.

◆ afinal, o que quer uma mulher?

Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com



Tudo começou em julho



ILUSTRAÇÃO: TONIO



Nem sempre me lembro dos começos. Já os finais, esses sempre carrego de algum modo. Porém alguns nascimentos marcam e ficam conosco guardados e nos trazem um sorriso quando os visitamos. Era julho. E mesmo sendo um período chuvoso, sempre vou a Búzios. Não a praia de Brigitte Bardot, mas a do Rio Grande do Norte, no meu querido Nordeste. Lá tenho uma casa, onde encontro sossego e alguns bons amigos.

Naqueles dias, reparei que o chalé vizinho voltara a ter gente. Antes da pandemia, quando era ainda hóspede no imóvel que mais tarde compraria, me deparava com vizinhos entusiasmados, parecia um cantinho do riso. Comprei justamente por causa desse pesadelo, da ainda pouco familiar Covid-19. Como o

► ambiente era seguro e me preservava dos riscos, passei a frequentar o condomínio com regularidade. E logo percebi que os vizinhos do lado sumiram. Mas julho, mês que meu amigo Roberto Menezes considera um mês bom para morrer, para mim é um mês de nascimento. De certo modo o livro de meu amigo também fala de lar, mas de uma forma contrária à minha.

Lembro que foi num sábado, eu tenho verdadeira devoção a esse dia. O sábado é um eterno adolescente. Nele projetamos a felicidade ou um momento de tranquilidade, que os outros dias roubam de nós com a rotina e a correria da vida adulta.

Estava sentada em meu terraço e abri uma cerveja. O dia estava bonito, mas faltava assunto e uma pitada de algo que ainda ignorava. Ouvi novamente as risadas e conversas. A vizinhança voltara: certamente perderam o medo do vírus, pensei. Como sempre, fiquei na minha. Há quem não acredite, mas tenho lá minha timidez e guardo minhas reservas.

O dia pedia leveza, violão e conversas inocentes, assim como faziam os adolescentes dos anos noventa. Não recordo por onde vagavam meus desejos e nem tampouco meus devaneios. Mergulhada no ócio, optei pelo silêncio. Sem muita pretensão, fiquei sentada de pernas pra cima, como quem espera um milagre chegar. Depois um tempo, senti um cheiro bom, mas não identifiquei o aroma da iguaria. Sem fome, segui na onda da bebida gelada. Reparei um pouco mais no cheiro, daí entendi que se tratava de uma rica caranguejada. Se existe combinação melhor não me contaram: caranguejo, cerveja e praia. O céu dos profanos! De repente, ouço uma das vizinhas, antes desaparecida, gritando:

—O caranguejo está pronto, venham.

Até achei que o chamado me incluía. Teria a cerveja cumprido sua missão?

Quieta no meu lugar admirava as crianças da casa preencherem o terraço com martelos e tábuas. Num ritmo quase compassado, batiam para tirar a deliciosa carne branca. Que ritual fantástico. Continuei firme, até perceber que estava sendo eu também batida e espremida. Me senti solitária. Como desejei sair do meu claustro, sonhado por semanas, e participar daquela algazarra! Gente feliz me encanta...

Depois de um tempo, entendi

que não notaram a minha presença. Talvez a vizinha fantasma fosse eu. Entrei em casa tristonha, e não quis mais beber nada que não fosse uma dose de esquecimento. Os fins sempre são inesquecíveis assim?

Voltei para João Pessoa e não me esqueci de como é ser invisível. Naquele mesmo ano, voltei em setembro para minha casa de praia. Caranguejo se compra nas barracas, quem precisa de vizinhos? Levei duas amigas, nada de solidão, a diversão era certa. Chegamos à noite e notei que a casa ao lado estava lotada. Parecia que a vida dera uma trégua de normalidade. Já havia vacina, e a esperança de uma vida com paz.

Aquela foi uma noite agradável. Também sabíamos nos rir, nem olhei mais para o lado de fora. No segundo dia, as amigas resolveram sair, queriam passear por Natal. Eu preferi ficar em casa, gosto do meu canto. Já era quase noite quando ouvi gritos e choro de crianças assustadas. Corri para ver o que estava acontecendo e uma das vizinhas, com certa delicadeza diante do alvoroço, me incentivou a entrar.

— Parece que o vizinho japonês está armado — falou, assustada.

Me escondi e telefonei para as amigas que estavam a passear, alertando que não voltassem até que eu mandasse um sinal. Não entendi por que diabos aquele homem estava armado dentro de um condomínio seguro.

Minutos depois, alguém gritou: está tudo bem! Sai e fui agradecer à vizinha pelo cuidado. Conversamos um pouco e chegou a nós a notícia de que o homem tinha se desentendido com outro e quis mostrar sua força de samurai sem espada. A polícia chegou e acalmou o ânimo do enfurecido japonês que fez questão de ser indelicado. Há quem goste de ser odiado.

Na noite seguinte, ela veio ao meu encontro o sorridente, partilhando novos detalhes. Todos estavam aliviados: o homem ranzinza viajara para uma temporada no Japão. Torcemos para que seu país não o deixasse voltar. Convidei-a para sentar e aos poucos reparei que meu terraço estava repleto de gente alegre. Percebi o tamanho da riqueza que estava ao meu lado, por vezes, o amor literalmente mora ao lado. Desde esse dia nunca mais fiquei sozinha em Búzios. Sempre sou recebida com festa e não falta caranguejada, nem cerveja gelada. Em Búzios vivo em paz e descobri que solidão tem limite. Lá posso tudo e muito. O que quer uma mulher senão grandes amizades? ✖

que não notaram a minha presença. Talvez a vizinha fantasma fosse eu. Entrei em casa tristonha, e não quis mais beber nada que não fosse uma dose de esquecimento. Os fins sempre são inesquecíveis assim?

Voltei para João Pessoa e não me esqueci de como é ser invisível. Naquele mesmo ano, voltei em setembro para minha casa de praia. Caranguejo se compra nas barracas, quem precisa de vizinhos? Levei duas amigas, nada de solidão, a diversão era certa. Chegamos à noite e notei que a casa ao lado estava lotada. Parecia que a vida dera uma trégua de normalidade. Já havia vacina, e a esperança de uma vida com paz.

Aquela foi uma noite agradável. Também sabíamos nos rir, nem olhei mais para o lado de fora. No segundo dia, as amigas resolveram sair, queriam passear por Natal. Eu preferi ficar em casa, gosto do meu canto. Já era quase noite quando ouvi gritos e choro de crianças assustadas. Corri para ver o que estava acontecendo e uma das vizinhas, com certa delicadeza diante do alvoroço, me incentivou a entrar.

— Parece que o vizinho japonês está armado — falou, assustada.

Me escondi e telefonei para as amigas que estavam a passear, alertando que não voltassem até que eu mandasse um sinal. Não entendi por que diabos aquele homem estava armado dentro de um condomínio seguro.

Minutos depois, alguém gritou: está tudo bem! Sai e fui agradecer à vizinha pelo cuidado. Conversamos um pouco e chegou a nós a notícia de que o homem tinha se desentendido com outro e quis mostrar sua força de samurai sem espada. A polícia chegou e acalmou o ânimo do enfurecido japonês que fez questão de ser indelicado. Há quem goste de ser odiado.

Na noite seguinte, ela veio ao meu encontro o sorridente, partilhando novos detalhes. Todos estavam aliviados: o homem ranzinza viajara para uma temporada no Japão. Torcemos para que seu país não o deixasse voltar. Convidei-a para sentar e aos poucos reparei que meu terraço estava repleto de gente alegre. Percebi o tamanho da riqueza que estava ao meu lado, por vezes, o amor literalmente mora ao lado. Desde esse dia nunca mais fiquei sozinha em Búzios. Sempre sou recebida com festa e não falta caranguejada, nem cerveja gelada. Em Búzios vivo em paz e descobri que solidão tem limite. Lá posso tudo e muito. O que quer uma mulher senão grandes amizades? ✖

que não notaram a minha presença. Talvez a vizinha fantasma fosse eu. Entrei em casa tristonha, e não quis mais beber nada que não fosse uma dose de esquecimento. Os fins sempre são inesquecíveis assim?

Voltei para João Pessoa e não me esqueci de como é ser invisível. Naquele mesmo ano, voltei em setembro para minha casa de praia. Caranguejo se compra nas barracas, quem precisa de vizinhos? Levei duas amigas, nada de solidão, a diversão era certa. Chegamos à noite e notei que a casa ao lado estava lotada. Parecia que a vida dera uma trégua de normalidade. Já havia vacina, e a esperança de uma vida com paz.

Aquela foi uma noite agradável. Também sabíamos nos rir, nem olhei mais para o lado de fora. No segundo dia, as amigas resolveram sair, queriam passear por Natal. Eu preferi ficar em casa, gosto do meu canto. Já era quase noite quando ouvi gritos e choro de crianças assustadas. Corri para ver o que estava acontecendo e uma das vizinhas, com certa delicadeza diante do alvoroço, me incentivou a entrar.

— Parece que o vizinho japonês está armado — falou, assustada.

Me escondi e telefonei para as amigas que estavam a passear, alertando que não voltassem até que eu mandasse um sinal. Não entendi por que diabos aquele homem estava armado dentro de um condomínio seguro.

Minutos depois, alguém gritou: está tudo bem! Sai e fui agradecer à vizinha pelo cuidado. Conversamos um pouco e chegou a nós a notícia de que o homem tinha se desentendido com outro e quis mostrar sua força de samurai sem espada. A polícia chegou e acalmou o ânimo do enfurecido japonês que fez questão de ser indelicado. Há quem goste de ser odiado.

Na noite seguinte, ela veio ao meu encontro o sorridente, partilhando novos detalhes. Todos estavam aliviados: o homem ranzinza viajara para uma temporada no Japão. Torcemos para que seu país não o deixasse voltar. Convidei-a para sentar e aos poucos reparei que meu terraço estava repleto de gente alegre. Percebi o tamanho da riqueza que estava ao meu lado, por vezes, o amor literalmente mora ao lado. Desde esse dia nunca mais fiquei sozinha em Búzios. Sempre sou recebida com festa e não falta caranguejada, nem cerveja gelada. Em Búzios vivo em paz e descobri que solidão tem limite. Lá posso tudo e muito. O que quer uma mulher senão grandes amizades? ✖

que não notaram a minha presença. Talvez a vizinha fantasma fosse eu. Entrei em casa tristonha, e não quis mais beber nada que não fosse uma dose de esquecimento. Os fins sempre são inesquecíveis assim?

Voltei para João Pessoa e não me esqueci de como é ser invisível. Naquele mesmo ano, voltei em setembro para minha casa de praia. Caranguejo se compra nas barracas, quem precisa de vizinhos? Levei duas amigas, nada de solidão, a diversão era certa. Chegamos à noite e notei que a casa ao lado estava lotada. Parecia que a vida dera uma trégua de normalidade. Já havia vacina, e a esperança de uma vida com paz.

Aquela foi uma noite agradável. Também sabíamos nos rir, nem olhei mais para o lado de fora. No segundo dia, as amigas resolveram sair, queriam passear por Natal. Eu preferi ficar em casa, gosto do meu canto. Já era quase noite quando ouvi gritos e choro de crianças assustadas. Corri para ver o que estava acontecendo e uma das vizinhas, com certa delicadeza diante do alvoroço, me incentivou a entrar.

— Parece que o vizinho japonês está armado — falou, assustada.

Me escondi e telefonei para as amigas que estavam a passear, alertando que não voltassem até que eu mandasse um sinal. Não entendi por que diabos aquele homem estava armado dentro de um condomínio seguro.

Minutos depois, alguém gritou: está tudo bem! Sai e fui agradecer à vizinha pelo cuidado. Conversamos um pouco e chegou a nós a notícia de que o homem tinha se desentendido com outro e quis mostrar sua força de samurai sem espada. A polícia chegou e acalmou o ânimo do enfurecido japonês que fez questão de ser indelicado. Há quem goste de ser odiado.

Na noite seguinte, ela veio ao meu encontro o sorridente, partilhando novos detalhes. Todos estavam aliviados: o homem ranzinza viajara para uma temporada no Japão. Torcemos para que seu país não o deixasse voltar. Convidei-a para sentar e aos poucos reparei que meu terraço estava repleto de gente alegre. Percebi o tamanho da riqueza que estava ao meu lado, por vezes, o amor literalmente mora ao lado. Desde esse dia nunca mais fiquei sozinha em Búzios. Sempre sou recebida com festa e não falta caranguejada, nem cerveja gelada. Em Búzios vivo em paz e descobri que solidão tem limite. Lá posso tudo e muito. O que quer uma mulher senão grandes amizades? ✖

que não notaram a minha presença. Talvez a vizinha fantasma fosse eu. Entrei em casa tristonha, e não quis mais beber nada que não fosse uma dose de esquecimento. Os fins sempre são inesquecíveis assim?

Voltei para João Pessoa e não me esqueci de como é ser invisível. Naquele mesmo ano, voltei em setembro para minha casa de praia. Caranguejo se compra nas barracas, quem precisa de vizinhos? Levei duas amigas, nada de solidão, a diversão era certa. Chegamos à noite e notei que a casa ao lado estava lotada. Parecia que a vida dera uma trégua de normalidade. Já havia vacina, e a esperança de uma vida com paz.

Aquela foi uma noite agradável. Também sabíamos nos rir, nem olhei mais para o lado de fora. No segundo dia, as amigas resolveram sair, queriam passear por Natal. Eu preferi ficar em casa, gosto do meu canto. Já era quase noite quando ouvi gritos e choro de crianças assustadas. Corri para ver o que estava acontecendo e uma das vizinhas, com certa delicadeza diante do alvoroço, me incentivou a entrar.

— Parece que o vizinho japonês está armado — falou, assustada.

Me escondi e telefonei para as amigas que estavam a passear, alertando que não voltassem até que eu mandasse um sinal. Não entendi por que diabos aquele homem estava armado dentro de um condomínio seguro.

Minutos depois, alguém gritou: está tudo bem! Sai e fui agradecer à vizinha pelo cuidado. Conversamos um pouco e chegou a nós a notícia de que o homem tinha se desentendido com outro e quis mostrar sua força de samurai sem espada. A polícia chegou e acalmou o ânimo do enfurecido japonês que fez questão de ser indelicado. Há quem goste de ser odiado.

Na noite seguinte, ela veio ao meu encontro o sorridente, partilhando novos detalhes. Todos estavam aliviados: o homem ranzinza viajara para uma temporada no Japão. Torcemos para que seu país não o deixasse voltar. Convidei-a para sentar e aos poucos reparei que meu terraço estava repleto de gente alegre. Percebi o tamanho da riqueza que estava ao meu lado, por vezes, o amor literalmente mora ao lado. Desde esse dia nunca mais fiquei sozinha em Búzios. Sempre sou recebida com festa e não falta caranguejada, nem cerveja gelada. Em Búzios vivo em paz e descobri que solidão tem limite. Lá posso tudo e muito. O que quer uma mulher senão grandes amizades? ✖

que não notaram a minha presença. Talvez a vizinha fantasma fosse eu. Entrei em casa tristonha, e não quis mais beber nada que não fosse uma dose de esquecimento. Os fins sempre são inesquecíveis assim?

Voltei para João Pessoa e não me esqueci de como é ser invisível. Naquele mesmo ano, voltei em setembro para minha casa de praia. Caranguejo se compra nas barracas, quem precisa de vizinhos? Levei duas amigas, nada de solidão, a diversão era certa. Chegamos à noite e notei que a casa ao lado estava lotada. Parecia que a vida dera uma trégua de normalidade. Já havia vacina, e a esperança de uma vida com paz.

Aquela foi uma noite agradável. Também sabíamos nos rir, nem olhei mais para o lado de fora. No segundo dia, as amigas resolveram sair, queriam passear por Natal. Eu preferi ficar em casa, gosto do meu canto. Já era quase noite quando ouvi gritos e choro de crianças assustadas. Corri para ver o que estava acontecendo e uma das vizinhas, com certa delicadeza diante do alvoroço, me incentivou a entrar.

— Parece que o vizinho japonês está armado — falou, assustada.

Me escondi e telefonei para as amigas que estavam a passear, alertando que não voltassem até que eu mandasse um sinal. Não entendi por que diabos aquele homem estava armado dentro de um condomínio seguro.

Minutos depois, alguém gritou: está tudo bem! Sai e fui agradecer à vizinha pelo cuidado. Conversamos um pouco e chegou a nós a notícia de que o homem tinha se desentendido com outro e quis mostrar sua força de samurai sem espada. A polícia chegou e acalmou o ânimo do enfurecido japonês que fez questão de ser indelicado. Há quem goste de ser odiado.

Na noite seguinte, ela veio ao meu encontro o sorridente, partilhando novos detalhes. Todos estavam aliviados: o homem ranzinza viajara para uma temporada no Japão. Torcemos para que seu país não o deixasse voltar. Convidei-a para sentar e aos poucos reparei que meu terraço estava repleto de gente alegre. Percebi o tamanho da riqueza que estava ao meu lado, por vezes, o amor literalmente mora ao lado. Desde esse dia nunca mais fiquei sozinha em Búzios. Sempre sou recebida com festa e não falta caranguejada, nem cerveja gelada. Em Búzios vivo em paz e descobri que solidão tem limite. Lá posso tudo e muito. O que quer uma mulher senão grandes amizades? ✖

que não notaram a minha presença. Talvez a vizinha fantasma fosse eu. Entrei em casa tristonha, e não quis mais beber nada que não fosse uma dose de esquecimento. Os fins sempre são inesquecíveis assim?

Voltei para João Pessoa e não me esqueci de como é ser invisível. Naquele mesmo ano, voltei em setembro para minha casa de praia. Caranguejo se compra nas barracas, quem precisa de vizinhos? Levei duas amigas, nada de solidão, a diversão era certa. Chegamos à noite e notei que a casa ao lado estava lotada. Parecia que a vida dera uma trégua de normalidade. Já havia vacina, e a esperança de uma vida com paz.

Aquela foi uma noite agradável. Também sabíamos nos rir, nem olhei mais para o lado de fora. No segundo dia, as amigas resolveram sair, queriam passear por Natal. Eu preferi ficar em casa, gosto do meu canto. Já era quase noite quando ouvi gritos e choro de crianças assustadas. Corri para ver o que estava acontecendo e uma das vizinhas, com certa delicadeza diante do alvoroço, me incentivou a entrar.

— Parece que o vizinho japonês está armado — falou, assustada.

Me escondi e telefonei para as amigas que estavam a passear, alertando que não voltassem até que eu mandasse um sinal. Não entendi por que diabos aquele homem estava armado dentro de um condomínio seguro.

Minutos depois, alguém gritou: está tudo bem! Sai e fui agradecer à vizinha pelo cuidado. Conversamos um pouco e chegou a nós a notícia de que o homem tinha se desentendido com outro e quis mostrar sua força de samurai sem espada. A polícia chegou e acalmou o ânimo do enfurecido japonês que fez questão de ser indelicado. Há quem goste de ser odiado.

Na noite seguinte, ela veio ao meu encontro o sorridente, partilhando novos detalhes. Todos estavam aliviados: o homem ranzinza viajara para uma temporada no Japão. Torcemos para que seu país não o deixasse voltar. Convidei-a para sentar e aos poucos reparei que meu terraço estava repleto de gente alegre. Percebi o tamanho da riqueza que estava ao meu lado, por vezes, o amor literalmente mora ao lado. Desde esse dia nunca mais fiquei sozinha em Búzios. Sempre sou recebida com festa e não falta caranguejada, nem cerveja gelada. Em Búzios vivo em paz e descobri que solidão tem limite. Lá posso tudo e muito. O que quer uma mulher senão grandes amizades? ✖

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa.

Mil maneiras de amar Paloma

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*

Paloma (2022) é o título do filme mais recente de Marcelo Gomes, inspirado em uma história real, que chegou até o diretor através de uma notícia de jornal. A sequência de abertura, quando da apresentação dos créditos, opta por não dar visibilidade à cena de sexo, preferindo, em vez disso, tornar audíveis os gemidos e murmúrios do casal. Dessa forma, os corpos não são inicialmente marcados, podendo ser quaisquer corpos, livres em sua sexualidade, e, portanto, isentos de supostos pré-julgamentos. Só eventualmente é que temos acesso às suas imagens.

Paloma (Kika Sena) se define assim: “Nasci homem, mas sou mulher. Todo mundo aqui sabe que sou mulher”. Paloma é também mãe de Jenifer (Anita de Souza Macedo), uma criança adorável, e mulher de Zé (Ridson Reis). Paloma trabalha como agricultora, na colheita de mamão, e às vezes faz bicos como cabeleireira. Zé ganha a vida como pedreiro e fazendo outros serviços. A história se passa em uma pequena cidade do sertão nordestino.

As sequências iniciais nos mostram Paloma, Jenifer e Zé como uma família feliz, em seu cotidiano de trabalho, conversas, intimidades e afetos. A propósito, a câmera é cúmplice no acompanhamento e na revelação dessa intimidade repleta de sensualidade, harmonia e entrega amorosa. Também acompanhamos Paloma na colheita de mamão, com outras trabalhadoras, e testemunhamos, em que pese a dura rotina de trabalho, seu jeito afetuoso e sensível de ser.

Em sua atividade de cabeleireira, Paloma tem a chance de fazer penteados em noivas e de assistir a cerimônias de casamento, o que potencializa o sonho de se casar na igreja, de vestido branco, véu e grinalda. Não é esse o sonho de muitas mulheres? Mas sendo uma transexual, e vendo a reação das pessoas ao seu desejo, Paloma logo conclui que lhe é interdita a cerimônia de casamento convencional. Por exemplo, quando Paloma pede para escrever seu nome e alinhavá-lo na cauda do vestido – superstição que as mulheres sonhadoras alimentam na esperança de ser a próxima

Kika Sena no papel de Paloma (foto), no filme homônimo: sonho de mulher trans de se casar na igreja movimenta o enredo do mais novo longa-metragem de Marcelo Gomes

noiva – o que ela recebe é deboche. A seguinte discordância vem do próprio marido, que a encoraja a desistir dessa “loucura de casamento”. O diálogo inicial com o padre (Buda Lira), que é solidário ao pedido de Paloma, evidencia a impossibilidade. O padre, descrito como alguém “que trata bem as pessoas que vão à sua igreja” – consciente das mudanças do mundo, mas refém das leis da Igreja –, explica que só mesmo o Papa para dar a permissão. E como Paloma não é mulher de desistir, envia uma carta ao Papa para relatar seu sonho e sua solicitação. No entanto, como já era de se esperar, recebe uma resposta negativa do Vaticano.

Observemos que o sonho de Paloma também ganha materialidade no faz de conta que ela ensaia com as bonecas de Jenifer, em que narra histórias de amor com discursos convencionais e final feliz. Ao longo do filme, a fotografia realça imagens muito delicadas do branco, que vai ganhando múltiplas camadas, desde aquelas do vestido de noiva, quanto aquelas da chuva de arroz, das espumas advindas do banho e do véu que sua amiga rouba da loja. A propósito, o último *frame* do filme é uma tela em branco – alusão a uma nova página a ser preenchida, um novo recomeço, agora de modo diferente?

Em comentário sobre o filme, presente no texto de Luiz Carlos Merten (de 23/11/2022), o diretor Marcelo Gomes declara: “Me emocionei muito com essa história porque ela expõe contradições inerentes à sociedade ▶

▶ brasileira. Fala de diferença, de amor e ódio, mas fala principalmente de afeto. No meio do caminho surgiu (Jair) Bolsonaro com seu discurso de discriminação e homofobia. Pode parecer que o filme foi feito contra ele e seus seguidores. Na verdade, surgiu antes. Terminou coincidindo.” Embora estreando em 2022, o filme já vinha sendo elaborado havia alguns anos.

A narrativa de Paloma é urgente e necessária: precisamos nos contar de sua delicadeza e força, e também da denúncia que o filme faz contra o preconceito e a discriminação. Em um momento marcante do filme, Paloma dispara: “Eu também sou obra de Deus!”. Encharcada de afetos, amizades, sonhos e buscas, a história de Paloma arrebatada e cativa porque valoriza a humanidade das personagens. Em outra de suas declarações, o diretor diz: “Gosto de criar personagens, fazer filmes sobre gente. Meus personagens estão sempre na busca por uma vida melhor, não importam as dificuldades, o sofrimento”. Quem não se lembra das personagens em *Cinema, aspirinas e urubus*?

No mundo de Paloma, as carências são muitas, e talvez por isso mesmo, a própria comunidade – sobretudo das transexuais – crie suas redes de apoio. Por exemplo, Paloma tem com quem contar no cuidado com a filha Jenifer, ainda que às vezes precise deixar a menina em um bordel. Ivanildo (Zé Maria), o motorista, se solidariza com os passageiros, e abaixa o preço da passagem para a romaria. A pergunta que Isabel (Suzy Lopes), uma das amigas agricultoras, faz a Paloma, “Tu não tem nada pra pedir ao santo?”, quando tenta convencê-la a participar da romaria, revela bem a convergência entre o sagrado e o profano daquela gente simples e batalhadora. Isabel, por exemplo, vai pedir um salário melhor pro santo, enquanto Paloma vai pedir a realização do seu casamento.

O casamento de Paloma – celebrado por um padre que fundou uma nova igreja no Sertão – se desfaz na lua de mel, quando Zé vê notícias sobre o casamento deles na TV, e passa a receber mensagens odiosas pelo whatsapp, repercussão que torna o local conhecido como “a cidade dos travestis”. Embora destrocada, Paloma não sucumbe à dor e confronta



FOTO: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Marcelo Gomes:
“Meus personagens estão sempre na busca por uma vida melhor, não importam as dificuldades, o sofrimento”

Zé em sua covardia e fraqueza. Paloma também enfrenta o patrão, aquele que a tinha repreendido, quando chegou atrasada ao trabalho: “Gente como tu, a gente nunca contratou”, diz ele a Paloma. As pessoas passam a apontar e cochichar quando Paloma aparece. As paredes de sua casa são pichadas com agressões verbais, como “viado nojento”; o terraço de sua casa é destruído; e Paloma sofre perseguição. Numa das cenas mais tocantes, Bastiana (Ana Marinho) chora quando compreende o desamparo de Paloma – representante do desamparo e da vulnerabilidade das minorias.

A história de Paloma traz consigo a violência que assola a vida de transexuais Brasil afora. Na sequência da piscina, até Jenifer, uma criança, é discriminada por ser de uma família considerada estranha. Uma das amigas de Paloma, também transexual, é morta de forma brutal. Em ambas as sequências, a banda sonora se sobrepõe à imagética, um deslocamento que não apenas conclama o espectador a dar vida às imagens (tornando-o cúmplice), mas contribui para caracterizar a violência como multifacetada, porque ora psicológica, ora verbal, ora física.

Apesar dos perigos e da violência que afetam os transexuais, o roteiro de Marcelo Gomes, Armando Praça e

Gustavo Campos optou por realçar a visibilidade dos afetos e da empatia, chamando atenção para a relevância da alteridade e do respeito pelo diferente. O início da convivência em família, de Paloma com a filha e o marido, mostra essa possibilidade.

As cenas iniciais da lua de mel dão conta de um casal que curte a praia, o picolé e as brincadeiras na areia (Paloma como sereia), como qualquer outro. Os momentos de descanso do trabalho debaixo da mangueira, de Paloma com as amigas, é outra demonstração de convivência afetuosa.

A relação entre Ivanildo (o motorista) e Paloma, também evidencia um vislumbre de esperança no acolhimento da diferença. Além disso, a presença de Kika Sena como a atriz que encarna Paloma constitui evidência substancial de mudança no contexto audiovisual.

A canção ‘Sem pecado e sem juízo’, de Baby (Consuelo) do Brasil e Pepeu Gomes, cujo verso ressalta “mais de mil maneiras de amar”, fica reverberando em nossa memória quando o filme termina. ❖

Genilda Azerêdo é professora titular da UFPB e pesquisadora bolsista PQ2 do CNPq. Mora em João Pessoa (PB)



Traduzindo

Sérgio de Castro Pinto

Embora não tenha me profissionalizado no ramo, a tradução foi sempre para mim um exercício fascinante. Ao longo da vida, sempre brinquei de traduzir, fossem letras de canções estrangeiras ou nomes de filmes. Um fascínio a mais na atividade da tradução é o seu fundo antropológico, na medida em que, ao se contrapor duas línguas, contrapõem-se também duas culturas. Ou, se for o caso, duas personalidades.

Um exemplo do meu interesse por tradução está no meu livro *Hollywood em Outras Línguas – A Tradução de Títulos de Filmes e Seus Problemas* (Ed. da UFBP, 2006), onde investigo o modo curioso como foram traduzidos títulos de filmes americanos clássicos em línguas estrangeiras, no caso, português, espanhol, italiano, francês e alemão.

Mas a tradução de poesia tem um peso maior e demanda mais do tradutor. Talvez demande o impossível. Como afirmava Paulo

Ronai, “a tradução poética é muito mais trabalho de intuição do que de lógica”. (Escola de tradutores, Rio de Janeiro: José Olympio, 2012).

A minha primeira experiência oficial com a tradução poética ocorreu na UFBP, quando, nos anos 2000, concebi e coordenei o projeto “Devo comparar-te a um dia de verão?”, que visava à tradução para o português de alguns dos 154 sonetos de William Shakespeare. O título do projeto já era a tradução literal do primeiro verso do famoso “Son- ▶

A tradução de poesia tem um peso maior e demanda mais do tradutor. Talvez demande o impossível

Sérgio de Castro Pinto: poesia pouco discursiva, precisa, caprichosa e densa

FOTO: ROBERTO GUEDES/A UNIÃO



imagens amadas

▶ net 18” do bardo de Stratford-upon-Avon. Como atividade desse projeto, cheguei a traduzir seis dos “Sonnets”, trabalhos divulgados em revistas e eventos acadêmicos.

Com a sugestão do mestre Paulo Ronai de que traduzir é intuir, aqui me debruço sobre três poemas de Sérgio de Castro Pinto, constante de seu livro *Folha Corrida* (São Paulo: Escrituras, 2017)

Pouco discursiva, precisa, caprichosa, densa, a poesia de Sérgio costuma investir na polissemia, tirando dela efeitos inusitados, sem possibilidade de realização em outras línguas. Para dar exemplo único, no verso “te arrancas como a urtigas”, do poema ‘o jardineiro Francisco g. da silva’, o verbo /arrancar/ tem mais de uma acepção, jogo polissêmico que, inevitavelmente, se perdeu na minha tradução. Neste mesmo poema, lamentei não encontrar, em inglês, nada que correspondesse à prolixidade da palavra /samambaias/, tendo sido obrigado a usar esse breve e inexpressivo /ferns/.

Já no poema ‘intertextualidade’, não gostei de ter de antecipar uma palavra chave como /bird/ na tradução de “alviste” (/birdseed/), mas, em compensação, fiquei satisfeito com o último verso (“half beast ... half bird”) que tem, no som repetido de /b/, uma sonoridade, acidentalmente, mais sugestiva que o original.

Quanto ao poema ‘no quadragésimo assalto’, eu que não entendo de boxe, senti alívio em ficar sabendo que o termo inglês para “segundo” era mesmo “second”, fato que garantia a curiosa identidade entre o boxeur (mantive o termo francês, do original) e seu treinador. Neste poema, perdi a rima exata dos últimos versos (/desistência...existência/), mas não de todo, já que na língua inglesa, “rendition” e “existence”, se não rimam visualmente, revelam uma rima aproximada na pronúncia. Na tradução deste poema, espero que o falante de inglês não estranhe a escrita em minúscula do pronome pessoal de primeira pessoa – em inglês, sempre em maiúscula (“I”). Ocorre que Sérgio de Castro Pinto, não apenas aqui, mas no livro inteiro, sistematiza esse uso como, tempos atrás, já o fizera o poeta americano E. E. Cummings.

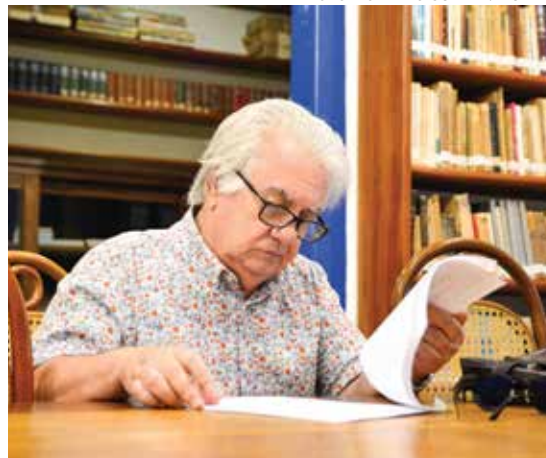
Em suma, como o leitor anglófono poderá constatar, houve, na passagem de uma língua à outra, algumas perdas, talvez a mais grave a do ritmo.

“Traduzir é a maneira mais atenta de ler”, também dizia Paulo Ronai, e acrescento: também a de despertar a atenção alheia para o lido.

Neste sentido, alimento a esperança de que estas traduções que ora veículo sirvam para evidenciar – tanto quanto a crítica literária tem feito, inclusive a minha – a riqueza da poesia de Sérgio de Castro Pinto. Se for o caso, que também sirva como uma estratégia para auxiliar o esforço de leitura de anglófonos nativos, que porventura se interessem em conhecer a obra do poeta paraibano. ✦

Na língua inglesa,
“rendition” e
“existence”,
se não rimam
visualmente,
revelam uma rima
aproximada na
pronúncia

FOTO: ROBERTO GUEDES/A UNIÃO



Traduções para o inglês servem para evidenciar a riqueza da poesia de Sérgio de Castro Pinto

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

imagens amadas

o jardineiro francisco g. da silva

não espalhas
em folhagem
a tua fala
tão avessa
à textura prolixa
das samambaias.

do muito que podas
já vens podado
e o pouco que falas
não serve de unguento
às feridas expostas
do teu silêncio.

te arrancas como a urtigas
- abrupto, mas com cuidado –
as muitas que te queimam
enquanto calas.

e do tanto que regas,
medrou de ti
este chapéu de palha:

corola que te empresta
um certo ar ensimesmado,
menos de homem
do que de espantalho.

intertextualidade

é quando o tigre de blake
devora o rouxinol de keats
e põe-se a comer alpiste

e a rugir trinado
meio fera meio pássaro

no quadragésimo assalto

quando abro
a torneira
da pia

e resgato
d'água
o rosto

dos meus
dias
correntes,

a toalha
o estanca:

sonado boxeur
beijando
a lona,

sou o meu
segundo
pedindo-me
desistência

no quadragésimo
assalto
da existência.

francisco g. da silva, gardiner

you do not spread
in foliage
your voice
so reverse
to the prolix texture
of ferns.

of the much you trim
you are trimmed yourself
and the little you speak
is no good ointment
for the exposed wounds
of your silence.

you move as if plucking nettles
- abrupt but careful –
the many that burn inside you
as you keep silent

and of the much you water,
from you has flourished
this straw hat:

corolla that gives you
a certain self-absorbed look
less of man
than of scarecrow.

intertextuality

is when blake's tyger
devours keats' nightingale
and starts eating birdseed

and roaring in trills
half beast half bird

on the fortieth strike

when i open
the sink
faucet

and rescue
from the water
the face

of my
flowing
days,

the towel
stanches it:

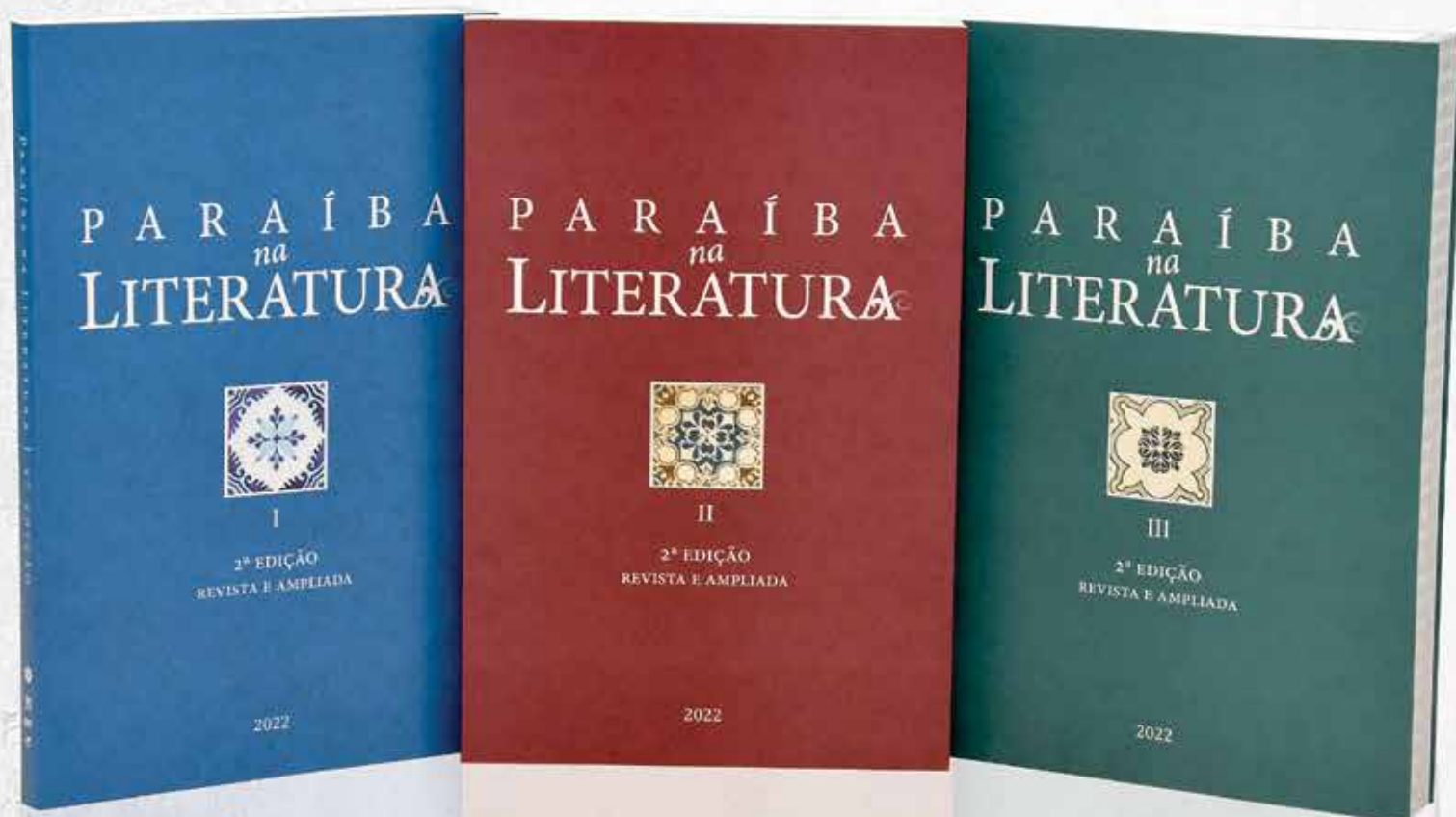
worn out boxeur
kissing
the canvas

i am my
second
begging me
for rendition

on the fortieth
strike
of existence.

PARAÍBA NA LITERATURA

Adquira nosso panorama da escrita paraibana



À venda, em conjunto ou separadamente

Contato comercial:

☎ (83) 98855.3199

📧 @editorauniaio



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



EDITORA
A UNIÃO



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac